

The background of the cover features a person in a dark suit, seen from the chest down, holding a large, vibrant pink rose. The person's hands are positioned at the top of the frame. The background is a deep blue, starry night sky with a prominent starburst effect in the lower-left quadrant. The overall aesthetic is romantic and ethereal.

Crônicas das Flores Noturnas
Volume 1

O Silêncio das Asas

Ton Adalclê

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Crônicas das Flores Noturnas
Volume 1

O Silêncio
das Asas

Ton Adalclê

Edição Digital
2013

Copyright © 2013 Ton Adalclê

Todos os direitos reservados.

ISBN 13:978-1492870111

ISBN 10:1492870110

É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra
sem o consentimento escrito do autor.

Diagramação e capa: Ton Adalclê

Revisão: Eduardo Tognon

Ilustrações: Anderson Vinícius

Criado no Brasil

ÍNDICE

Prólogo

Fuga

1. O Bilhete Frustrante

2. A Porta Fechada

3. A Luz

4. Pedras & Feridas

5. A Breve Despedida

6. Pensamentos Ramificados

7. Os Planos

8. A Rápida Decisão

9. A Lista

10. A Primeira Viagem

11. Asas Barulhentas

12. Confiança

13. Novas Pedras

14. O Flagrante

15. Os Telepatas

16. Flora

17. A Verdade

18. O Segundo Bilhete da Garota

Mais do autor

Para minha irmã Rose, por ser a mãe que nunca desistiu de mim.

“Porque – disse ela – quando você tem medo e faz mesmo assim, isso é coragem.”

{**Coraline – Neil Gaiman**}

Prólogo

Fuga

O céu de cor oliva desabou.

Sou Maya, nascida na Dimensão Lubbus, que ganha este nome peculiar por causa das flores que brotam dos pilares altos e das rochas flutuantes — elas representam nossa sobrevivência. Estas ditas flores produzem nosso oxigênio, por isso são extremamente importantes. O gás adocicado que liberam é o que faz as engrenagens de meu incrível mundo girar, e agora está em falta.

As Lubbus estão ameaçadas de existir devido aos grandes gafanhotos que neste exato momento estão devorando-as. O povo nascente aqui, os Lubbulus, não possui ideia alguma de onde eles vieram, as criaturas insanas, e não conseguimos detê-los rápido o suficiente. Portanto só resta-nos espalhar sementes da flor pelas outras dimensões, antes que o lugar inteiro vire cinzas. E é o que estou fazendo agora, batendo minhas grandes asas beges e pulando no temeroso oceano de nuvens de algodão que circunda toda a vasta área.

O oceano presente possui portais para as outras dimensões deste planeta, e é estritamente proibido ultrapassá-lo, caso não esteja acontecendo algo-extremamente-grave-e-medonho na Dimensão Lubbus.

Infelizmente está acontecendo algo-extremamente-grave-e-medonho.

Meu caso é diferente. Tenho um filho, e ele talvez não sobreviva na passagem pelo portal, ou após chegarmos à outra dimensão: nunca sabemos em qual mundo o oceano de algodão nos jogará.

Meu Companheiro Eterno ficara para combater as grandes feras junto com a Equipe dos Ajudantes, acabamos de nos despedir — motivo pelo qual estou contendo as lágrimas que não me ouvem e se deixam cair por meu rosto, transformando-se numa fina e minúscula cachoeira. Lyon sabe que poderá nunca mais nos rever — a mim, sua Companheira Eterna, e ao seu Filho Eterno. Se não tivéssemos um filho eu ficaria ao seu lado no combate até desvanecer, ou vencer. Mas as decisões são diferentes quando se tem maiores responsabilidades, nós sabíamos disso antes. E este filho fora o maior de todos os presentes que ambos já recebemos da vida. Decidimos então separar-nos para que ele consiga crescer, mesmo em outro lugar. Pais fazem coisas diferentes assim que talvez os filhos não entendam quando crescem, mas sempre chega o *dia-mais-para-frente* ao qual compreenderão.

Quando choco-me contra as nuvens macias e branqueadas do oceano, vou rasgando-o com as mãos para poder me infiltrar em seu manto até desaparecer. Minhas asas, com uso encerrado, debatem-se freneticamente e tento equilibrar-me para não soltar o pequeno bebê. Ele chora, e tento evitar ouvir seu choro para não enfraquecer.

Agunte um pouco mais, querido. Estou a fazer-lhe pedidos em forma de sussurros.

Vou rasgando o algodão e sumo no meio do mar, descendo lentamente por aquela espécie de teia sedosa. Quando chego a uma parte mais gelatinosa, meu corpo é envolvido numa bolha transparente e um brilho azul incandescente nos envolve. Abraço firmemente o pequeno ser ao colo quando o portal envia-nos para a nova dimensão.

Começamos a girar dentro da bolha e estou sentindo-me tonta, nauseada. Dores em minhas costas são o que se resulta após o novo mundo ser mostrado. Este oceano é líquido e um pouco escuro, com um intenso brilho acima. Nado para o alto, rumo ao brilhante prisma e submerjo num céu azul claro, com uma intensa e média estrela distante que lança raios de calor por toda a área. Este grande iluminador é diferente da enorme lua emborrachada que nos clareava anteriormente, sinto medo disso.

Um braço e duas pernas estão movimentando-se dentro da água em direção a margem. O mais estranho é existir uma margem para um oceano, penso. O solo é fofo, ele se esfarela em minhas mãos com uma cor branco-amarelada. No imenso teto azul há nuvens de algodão, e penso que talvez elas tenham vindo do meu oceano na Dimensão Lubbus, de algum modo.

Há pequenos pontos negros sobrevoando os ares. E bem no momento dessa visão é que percebo que minhas asas sumiram. Arquejo, amedrontada. Como uma coisa dessas pôde acontecer? Talvez esta dimensão não aceite seres tão grandes possuidores de asas, medito, e por isso o portal silenciara-as, deixando um grande caroço em seu lugar.

Surpreendo-me com o bebê a engatinhar pelo solo, suas costas com um pequeno inchaço não lhe tiraram a aparência de anjo que possuí. Sua pele está suando juntamente com a minha, reflito que esse lugar também tirou-nos a proteção da pele. Talvez este seja o pior mundo para se viver, espelho de modo triste, mas não há como voltar atrás. O portal só é reaberto caso exista uma flor Lubbus presente, e isso é algo que demorará um longo tempo para acontecer.

Não sobraram vestimentas em nossos corpos, apenas uma lembrança de minha dimensão: o colar com as duas sementes de Lubbus camufladas num pingente plastificado. Pego meu garoto ao colo outra vez e caminho pela margem desse oceano, com árvores gigantes barrando o outro lado.

Sem nada a achar pela hora seguinte perambulando, meu corpo começa a desidratar-se e manter as passadas torna-se difícil. Onde estão os seres deste mundo? Como acharei ajuda? Como confiarei neles, em primeiro lugar?

Entro na floresta e vagueio com os resquícios restantes de força física. Meu filho outra vez começa a chorar, e seu desconforto parece ser pior que o meu. Todo som que ouço assusta-me. Os seres pequenos que encontro não respondem ao meu chamado, eles

fogem, ou amedrontados ou sibilando com fúria. Talvez não exista o dom da comunicação por aqui...

Paro abaixo da sombra de uma árvore e respiro com intensas pausas. Fito o local onde estou e sou notificada com a imagem de um estranho retângulo à frente, de cor verde, rodeado de flores coloridas e que solta nuvens cinzentas por sua parte superior. De lá há dois seres com formas semelhantes às minhas, encarando-me no primeiro segundo, no seguinte instante já estão a correr para onde estou. E desabo nesse breve momento, ouvindo os passos próximos. Será que me atacam?

Meu coração está acelerado, meu cabelo molhado de suor. Meu filho chora. *Perdoe-me, querido*, suplico-lhe. *Perdoe-me por deixá-lo*. Minha visão escurece rápido, meu rosto é então acariciado por mãos gentis.

— Ajude — peço-lhes com as pálpebras incapazes de abrirem. — Por favor, ele. *Ele...*

Deixo de ouvir o choro, de me sentir cansada e culpada. Meu corpo entra em coma, até meu coração fica imóvel como uma pedra. Esse é o mecanismo de autopreservação que passam os seres da Dimensão Lubbus quando seus organismos atingem níveis críticos de exaustão, não a morte.

Quando torno a abrir os olhos encontro-me cega. A escuridão é a companhia. Outro dado a ser notado é o quadrado de madeira que aprisiona meu corpo. Um instinto natural indica-me também que estou a exato um metro abaixo da superfície. Fui enterrada viva. E acima de tudo estou tranquila, pois a outra decisão a ser tomada informa-me que não existirá prisão alguma para me deter de agora em diante. Retiro o pequeno colar de meu pescoço, incrivelmente intocado, e debulho uma das sementes do pingente, deixando a outra conservada no tecido protetor, camuflada. Quando a solto, a semente acende-se e começa a saltar vivamente pelo caixão, perfura um canto da madeira e planta-se automaticamente no solo. Por acabar de concluir a outra parte da missão, que era plantar uma Lubbus nesta dimensão, fico satisfeita.

Sinto-me relaxada o suficiente para fechar os olhos e dar adeus a este corpo gigantesco, para então tornar-me uma pequena estrela-prisma de cor bege, capaz de atravessar qualquer matéria, até mesmo voar sem asas. É exatamente o que estou fazendo agora, voando pelo ar que me recebeu com um céu negro e pontilhado de estrelas distantes, sobrevoando acima de um retângulo que exala fumaça cinza e possui brilho em seu interior. Nesta nova forma vigiarei o crescimento de meu filho à espreita, pois não possuo voz para me comunicar. Cuidarei dele à distância, da minha maneira, uma vez que o portal para nossa dimensão esteja fechado, e que o outro mundo esteja momentaneamente em cinzas.

Uma promessa estirou-se:

Até que uma flor Lubbus torne a existir, permanecerei neste lugar.



1. O Bilhete Frustrante

Estava chovendo em mais um dos rigorosos invernos do povoado Campinas — localizado no interior do Rio Grande do Norte —, quando um certo garoto de cabelo amarelo encardido e espetado como um velho ouriço, fugira da escola. Outra vez.

Duck sempre adorou a chuva, sentir as gotículas de água em seu rosto era reconfortante, ainda mais no silêncio que se mantém numa praia deserta. Tinha doze anos e havia fugido novamente da escola. Ele só praticava o ato quando sua cabeça doía a ponto de lhe promover náuseas. Doía devido às chacotas da turma, em geral.

Alisou o papel amassado, o que fora um bilhete destinado a ele. Leu outra vez o que estava escrito, mesmo que já tivesse decorado as poucas palavras borradas.

Nele dizia o seguinte:

“Duck possui três grandes defeitos:

1. A corcunda.

2. A burrice.

3. O odor. ”

A grafia das letras ao bilhete possuía um charme gentil, como mãos agarrando outras mãos, num formal cuidado para não se soltarem.

É difícil quando alguém de quem gostamos nos trata mal, ele refletiu. É mais doloroso ainda.

Duck já reconhecia a dona daquelas palavras traiçoeiras sem ser avisado. Sem olhar para ela, a garota de cabelos curtos e cheios de cachos que estava tão entretida em seu caderno de lições de capa rosa e caneta lilás. Ela era nova pela região fazia três semanas, e ele estava querendo se aproximar. Ele tinha uma corcunda e uma pele que suava muito facilmente, em qualquer horário do dia, mas essas diferenças ele ignorava muito fácil, e rezava toda noite para que os outros pensassem da mesma forma que ele.

Duck conseguia gostar das pessoas muito facilmente, e confiar nelas. Esse talvez fosse seu pior erro.

Saiu da sala e não se importou com as risadinhas que os outros estavam direcionando ao seu rumo. Não se importando nem com a professora, que estava pedindo-lhe gentilmente para que permanecesse em aula. Nem mesmo ficou incomodado com a chuva a construir poças de lama pela longa estrada rural que foi seguindo a pé.

O garoto corria sempre para a praia, ia caminhando a beira do mar até chegar próximo de sua casa. O vento criava ondas violentas no mar, o mar que ele tanto adorava ver, mas que não podia mergulhar porque seu pai o proibira rigorosamente.

Seu pai o proibia de muitas coisas. Nos momentos de discussões, o menino imaginava que o motivo da raiva dele era pela sua mãe ter morrido quando ele nascera, pois isso o pai Roger lhe acusava sempre. Mas o menino não tinha culpa de nada;

“Você não vai entrar. É só um monte de água salgada, cheia de tubarões, é perigoso e você ainda pode se afogar. Sem conversa!”

Duck sabia nadar, aprendera com o amigo Enzo no rio do outro lado da montanha, quando ainda tinham oito anos. Não entendia o motivo pelo qual o pai o proibia. Apenas ele, não o irmão mais velho. Talvez pelo incidente que houve um tempo atrás, onde ele nem mesmo se recordava direito. Parecia ter sido um sonho muito distante, o acontecido... Mas também não iria desobedecer, não queria levar surra caso Alef descobrisse e lhe contasse. E esse seu irmão era um ótimo fofoqueiro.

Duck não tinha medo de reprovar na escola por causa de algumas fugas, suas notas eram impecáveis, sua memória era eficiente nos exames. Por sorte, professores não ligavam para a casa dos fugitivos-de-aulas, aplicavam simplesmente mais deveres nos dias que compareciam. Mas, se ligassem, raramente encontrariam algum adulto responsável o suficiente... Alef era quem mais ficava em casa, em seu quarto, uma zona superprivada. O pai do garoto trabalhava numa madeireira bem distante. Ele saía de bicicleta para lá, aquela azul com ferrugem e sem freio. Essa mesmo que você imaginou.

Não era só Duck que fugia da escola no meio dos horários, os portões sempre ficavam abertos e havia muitos alunos interessados em vagabundear. As aulas eram tediosas para o menino, e o vento do mar era chamativo demais, ele não conseguia recusar o chamado da praia.

Podia ser meio-dia enquanto o garoto estava ali, debruçado sobre o *Golfinho* —pedra que ele e seu melhor e único amigo, Enzo, apelidaram devido ao formato diferente. Mas não se podia saber ao certo, pois as nuvens escuras e gotejantes cobriam cada cantinho do céu em sua visão periférica. Notou que sua mochila estava encharcando e a jogou para debaixo da pedra.

Quando voltou a reclinar-se, ele ouviu passos suaves na areia, mas não se moveu.

— Sabia que ia te encontrar aqui -. A voz tranquila e o cheiro de balas de maçã-verde lhes eram familiar. Enzo.

— E quem disse que eu queria ser encontrado? — retrucou Duck, com os olhos fechados.

Não houve resposta.

— Perdi alguma coisa legal por lá, depois que sai? — o ouriçado abriu um olho para ver o parceiro, que balançou a cabeça negativamente.

Enzo era maior do que Duck. Sua pele era de um amarelo-areia, seu rosto tinha um formato quadricular, o cabelo era de um marrom-chocolate e vivia bagunçado. Seu tipo físico lhe dava um aspecto mais forte do que o de Duck, e sempre havia o cheiro de balas de maçã-verde por onde ele estava, era seu tipo predileto de bala. O dentista da cidade, Gregory, tem tido muito trabalho com ele todos esses anos, tentando convencê-lo a encerrar esse vício. Puxou da mãe o castanho-claro dos olhos, e do pai caminhoneiro o formato do rosto, o nariz fino e empinado, e a cor do cabelo. Duck viu poucas vezes o pai do amigo para registrar isso. Mais por fotografias.

O estômago do garoto estava se comunicando em uma língua alienígena que só ele entendia. Fome. Estava com muita fome e lhe parecia fazer séculos que não comia nada.

Duck sentou-se e encarou Enzo com um olhar sonolento.

— Tem comida bem aí na sua mochila?

— Não, comi meu lanche no recreio. Já era. Vamos ter que aguentar a comida do *Alef'ante* — sorriram juntos e fizeram um 'errrr' de repulsa.

Alef era o irmão três anos mais velho de Duck. Ele cuidava da casa. Era mandão o bastante para que lhe dessem essa tarefa.

A madrasta desses dois irmãos morava numa casa pela cidade distante, ela não gostava muito do clima total de interior, amava o urbanismo. E vinha visitá-los sempre que podia. E esse *sempre que podia* era um tempo demorado de acontecer, o que agradava aos dois irmãos. Seu pai também vivia mais por lá do que na chácara.

As mães de Duck e Alef eram duas mulheres distintas. A de Alef se separara do pai, a de Duck morrera. Talvez por isso Roger tenha adquirido um mau-humor com o tempo, mesmo que tivesse outra vez adquirido uma nova parceira.

*

Sinceramente não entendia porque as pessoas da dimensão azul complicavam suas vidas por pouco.

2. A Porta Fechada

Ainda voltando a olhar para a mesma praia quando a fome chamou a atenção daqueles dois amigos. Eles se entreolharam e não precisaram de palavras para decidir que já estava na hora de irem para a chácara que ficava a uns quinze metros dali. Podiam suportar a comida preparada por Alef muito bem agora.

— Aposto que chego lá primeiro do que você — disse Enzo, logo saindo em disparada.

Duck contou dez segundos internamente e julgou que o amigo já estivesse vendo a copa da goiabeira. Ao pegar a mochila, lançou um olhar conspícuo ao mar, e rumou para agrupamento de árvores que separavam a praia de sua casa. Quando passou por algumas arvores, viu Enzo abrindo o portão de madeira.

Por alguma razão, ou por muitas, Enzo achava que Duck pudesse desenvolver algum tipo de velocidade mágica ou se *teletransportar* para outro lugar, caso ele o ficasse desafiando daquela maneira.

Duck deu meia-volta calmamente pelo quintal e abriu a porta da cozinha, encontrando um alguém de olhos banhados em sono.

— Oi, Alef — ele disse para o irmão, com o amigo Enzo a lhe cutucar as costas para que lhe dessem passagem.

Seu irmão mais velho estava cortando a salada do almoço e ao mesmo tempo ouvindo músicas no celular com os fones no ouvido. Parecia não se importar muito com hábitos higiênicos, e isso fazia Duck se interessar mais neles para manter-se vivo com a atual falta de pais responsáveis.

Alef, aos quinze anos, estava quase chegando ao tamanho do pai. Tinha um cabelo escuro, liso e mais curto do que o de Duck, e as pontas eram empinadas como o cabelo do irmão e do pai, juntamente com a cor marrom dos olhos. O cabelo dele só brilhava em excesso devido ao gel excessivo que aplicava. Havia muitas espinhas em seu rosto. Sua voz era grave e às vezes fanhosa,

indicando que ele estava passando muito devagar pelo processo de amadurecimento do corpo, da voz, de tudo. Podiam se notar pequenos músculos em seu braço, e seu pomo-de-adão já era bem visível. O restante do corpo era gelatinoso como uma foca, sem contar o péssimo humor dele.

Alef não falava muito com Roger, o laço de amizade-pai-e-filho entre os dois parecia ter se rompido quando ele completou quinze anos. Foi o mês em que levou uma grande surra do pai, uma que o deixou com marcas roxas por todo o corpo. Duck só sabia que o motivo fora porque Alef havia saído de moto para uma festa, às escondidas, em um sábado noturno, depois de Roger o ter proibido. E voltou bêbado, drogado e sem a moto. Foi o período em que Roger o mudou de escola - algo que o deixou ainda mais revoltado, e ainda mais distante do pai, se possível.

Em resposta, Alef acenou com a cabeça na direção de Duck quando o viu e voltou sua atenção ao que estava fazendo antes. Duck pegou uma maçã ao passar frente à mesa da cozinha e foi para a sala com Enzo, sentou-se no sofá ao lado do amigo e jogou sua mochila no chão.

Enzo estava com o controle da tevê na mão, repassando os canais locais, parando somente em um que transmitia seus adoráveis desenhos de monstros se matando. De modo súbito, Enzo raptou a maçã de Duck, deu varias mordidas, certificando-se que o tal não a pegaria de volta.

— Meu prêmio — disse, mostrando os farelos presos em seus dentes. Duck o fitava com o olhar mais estrangulador que pudesse ter, mas o outro não o encarava, apenas assistia o canal.

Contando cada degrau ao avançar, Duck subiu se dirigiu para seu quarto — o que ele dividia com Enzo nas vezes que este pedia para dormir na casa —, que ficava à frente do de Alef. Tomou banho e jogou-se sobre sua cama, imaginando o que ele e o amigo poderiam ainda fazer aquele dia.

Alef entrou minutos depois no quarto de Duck.

— Já estou indo. Não saiam de casa, não baguncem nada, não entrem no meu quarto, não...

— Nós já sabemos — cortou Enzo, que não tinha muito assunto com o irmão de Duck.

Alef saiu do quarto. Alguns minutos após ouviu-se um rangido de pneus de bicicleta saindo do quintal de casa. Duck sabia de todas aquelas regras chatas, mas nem sempre as cumpria. Alef era responsável por uma locadora de DVDs na cidade, a única parte do dia que ele amava era estar longe das responsabilidades com seu irmão, e da presença inesperada do pai, era naquele lugar.

Enzo entrou no quarto, viu Duck deitado e estranhou.

— Doente? Depois de tanto tempo... — ele resmungou as últimas palavras.

— Só pensando no que agente vai fazer essa tarde — disse Duck vagamente, contemplando cada telha de barro laranja-avermelhado acima.

Fazer para eles era o mesmo que aprontar.

— Ah, deixa comigo essa parte, eu vou pro chuveiro agora, lá é onde eu tenho as grandes ideias — respondeu Enzo enquanto entrava no banheiro do quarto. Ele se sentia em sua própria casa, e isso não incomodava ninguém, todos já estavam acostumados. Enzo era como alguém da família. Aquela família precisava de gente.

Duck sabia que essas ideias do amigo muitas vezes o levaram à enrascadas. Como na vez que tomou uma boa surra depois de entrarem na cisterna da casa e tomarem banho dentro, sujando toda a água que fora acumulada da chuva pelas bicas. Por azar, aprontaram essa em um verão bem quente, em um tempo que os rios estavam escassos e ainda não havia água encanada por todo o vilarejo. Roger teve que chamar um caminhão-pipa para encher a cisterna novamente, um que levava água para os locais mais secos, se você tivesse disposto a pagar uma nota alta por isso. Garanto que ele não ficou muito feliz com o preço que pagou, e que Duck e o amigo jamais repetiram tal delito.

— O que você pensa que está fazendo? — perguntou Duck, dando um olhar execrável a Enzo, que, depois do banho, estava abrindo o quarto de Alef, furtivo.

— Ele vai te matar — disse Duck. — Depois de me matar primeiro, achando que fui eu quem entrou aí.

— Só se você contar pra alguém.

Duck espantou-se mais quando viu a porta do quarto de Alef abrir-se, pois ele não achava que o garoto fosse conseguir sem uma chave. Encarou-o cético.

— Escondi-me na sala antes dele sair e descobri que ele guarda a chave do quarto dentro da pata de porcelana que era da sua avó — respondeu Enzo.

— Você não devia entrar aí, ele vai perceber de algum jeito — o outro ainda tentou intervir.

— Só se você contar — repetiu Enzo. — Anda! Só vamos ver o que ele tanto guarda aqui e sair rapidinho, prometo - persuadiu.

— Tá... — cedeu Duck, e eles entraram.

*

Listei isso: humanos possuem mesmo uma curiosidade ilimitada.

3. A Luz

O quarto do irmão de Duck não era tão diferente do dele. Era só ainda mais desorganizado. Havia roupas sujas jogadas pelo chão. O guarda-roupa estava aberto, como se ele tivesse saído e esquecido de fechá-lo. Obviamente foi o que acontecera. O computador ficava ao canto, numa escrivaninha velha, tinha um aspecto velho, com um fio longo e preto conectado atrás em destaque que vinha do telefone no andar de baixo. As paredes foram pintadas numa cor cinza, bem contrastante da tonalidade do restante da casa. Alef nunca arrumava sua cama, pelo que perceberam aquilo era um redemoinho de lençóis e sujeira. Restos de batatas fritas e diferentes embalagens jorravam de debaixo dos móveis.

Enzo começou mexer no computador, enquanto que Duck ficava vendo os pôsteres das bandas prediletas do irmão colados de modo desajeitado nas paredes. O visual dos componentes de cada grupo pareceu a Duck um tanto desajeitado, e combinava com a forma desordenada que o irmão colara cada figura.

- Duck! - Enzo gritou desesperado e Duck foi até onde ele estava. Quando ia perguntar *'o quê?'* viu os jogos de monstros matando mais monstros. Suspirou um "ahh" e deixou Enzo de lado. Duck não se afeiçoava muito a jogos eletrônicos como o companheiro.

Logo notaram que o quarto não era tão importante assim, e o restante daquela tarde foi até silenciosa. Mesmo com o barulho atroador do mar.

Enzo e Duck ficaram dando voltas e mais voltas no quintal da casa em suas bicicletas. Quando se cansaram subiram numa enorme árvore próxima à única estrada que levava a cidade, onde de lá eles podiam ver a casa, quem estivesse vindo visitá-los pelo outro lado, e o mar à frente.

Enzo só falou quando já havia passado um longo tempo debruçado no Jabuti — apelido que deram a árvore, sem nenhum sentido aparente.

— Acho que devíamos voltar — disse. Duck concordou com o polegar da mão direita, ele estava deitado sobre um galho na parte mais alta.

Acabou que não houve nada legal que fizeram do que já fosse o comum.

O jantar aquela noite foi o mais silencioso entre Duck, o irmão mais velho e o pai, embora a tempestade do lado de fora estivesse quase arrancando o telhado do andar acima.

Gotas que pareciam quebrar cada telha quando as tocavam, e a tevê estava ligada no volume máximo, em canais de filmes. Esses barulhos eram ouvidos enquanto abafavam o tilintar dos talheres. Todos encaravam a tevê, sentados descontraídos no sofá, e fitavam seus pratos como se estivessem vendo uma cobra com pernas de tão amolecida que a massa dos grãos estava. Nenhum se interessou em quebrar o silêncio naquele momento, os três moradores dali estavam acostumados. Mas Enzo não gostava daquele ar tenso sufocante, e, ao menos com Duck, ele tagarelou a noite toda quando estava longe de Roger, que emanava um ar sério e rabugento. Alteava sua voz quando os raios lá fora lhe superavam.

— Escuridão total — ele checkou pela janela.

— Nenhum alienígena ou monstros rondando a área? — perguntou Duck, só de brincadeira, mas deixando o amigo arisco.

Enzo encarou-o, numa estranha expressão.

— Eu vejo uma luz. Mas não é no céu, é no fundo da floresta. É sério, não é só porque você falou, estou vendo. Vem cá ver também.

Duck ignorou-o. Sabia que ele estava no espírito de encenação, de lhe causar medo, como tantas vezes já o viu. Não havia casas perto da sua, a outra chácara, a de seus avós paternos, encontrava-se muito distante dali para que se vissem luzes de lá, de qualquer forma.

Houve outro relâmpago que clareou a casa toda, e uma rajada de vento e chuva espantou Enzo da fechada janela de vidro

direto para sua cama.

— Dessa vez é serio – repetiu o amigo.

Duck, com humor brando, levantou-se de pés descalços, colou-os no piso gélido e dirigiu-se até a janela. De lá ele só via escuridão e raios.

— Tem luz no céu. E só — ele se referiu aos raios que floresciam as nuvens num amarelo chocante.

Enzo foi para seu lado, o rosto mudou para uma triste expressão.

— Estava lá. Deve ter se apagado. Você demorou demais também!

Logo eles voltaram às suas camas, para conversas bobas e sem sentido, até dormirem com roncos amplificados. A chuva lá fora demorou a esgotar-se, ruminou até sonhos tempestuosos nos garotos. Principalmente em Duck. Sonhos de épocas cinzentas.

*

Enzo falou a verdade. Havia mesmo uma luz na floresta.

4. Pedras & Feridas

Duck acordou na terça-feira de madrugada com uns barulhos esquisitos. Abriu um olho e ouviu uma voz familiar.

— Pai? — pronunciou silenciosamente.

Parecia que havia pessoas muito distantes conversando. O sono lhe açoitava, e a primeira pessoa que veio em sua mente fora seu pai. Fechou o olho outra vez e tentou ouvir o que conversavam, mas só pode fisgar uma parte do final.

— Cuide dele — a voz era feminina e adulta, distinguiu.

O garoto não tinha forças para levantar, a cama era tão chamativa, tão quentinho aquele cobertor, tão macios aqueles travesseiros... Dormiu. E acordou um pouco tarde aquela manhã.

Ignorou o grito esganiçado do galo e esperou o aparelho de despertar, mas não o ouviu. Virou-se na cama e viu que a cama de Enzo estava desocupada e naturalmente bagunçada, o despertador estava desligado. Por um momento imaginou que o amigo havia dormido ali aquela noite, mas então se lembrara de que ele dormira ali no dia anterior.

Pulou de sobressalto e foi escovar os dentes. Contou cada dente e imaginou violentamente que seria o total de murros que daria no nariz do irmão quando o visse. Ele o deixou para trás, não o chamou para a escola. Após se arrumar, desceu rápido, ainda na esperança de ver Alef tomando café. E ainda bem que o viu.

— Ah, você está aí ainda — disse Alef, que estava sentado no sofá, comendo bolo e vendo tevê. Só virou-se uma vez para olhar o garoto. Duck viu marcas roxas nas costas do irmão, e pensou que a surra que ele levava em qualquer lugar que fosse, devia ter doído bastante, e pensou também em nunca andar por aí com Alef. O irmão era um encenqueiro de mãos fracas.

— Você está bem? — perguntou Duck.

— Quem se importa?!

Duck percebeu pelo tom que ele não falaria mais.

Ia sair com o estômago vazio, mas previu que isso não era a combinação perfeita. Pegou um enorme pedaço de bolo e caminhou mastigando-o, correndo pela estrada, tentando esquecer as coisas ruins, isso estava começando a lhe causar uma dor de cabeça.

Coisas ruins, elas aconteciam na escola. As pessoas que não aceitavam duas simples diferenças físicas. O garoto até gostava da estranheza, ele se sentia como um personagem de desenho, às vezes, ou quase aquele *Sônic* dos jogos de Enzo. A velocidade de Duck não era lá essas coisas, além do que, hora ou outra tinha que contornar agigantadas poças de lama que se formara pela chuva da noite anterior.

Já não conseguia ver a continuidade dos caminhos a cada cinco metros de onde estava. Duck sempre achava que se corresse rápido o bastante iria ficar dentro daquela neblina da manhã, de modo que não pudesse enxergar nada. Mas a neblina era mais esperta e rápida em fugir dele.

Quando Duck entrou na sala de aula, a professora Cristine já estava dando aula para os demais.

— Atrasado, hein, Duck Johnson? O que houve dessa vez? — ela olhou para Enzo e depois para ele, e previu que Duck nãoalaria nada. - Sente-se - pediu ela, apontando para a fileira central de carteiras, onde Enzo encontrava-se perto e muito entretido em escrever tarefas em seu caderno, com o livro em pé a sua frente. Duck até mesmo acreditou que o amigo estava apenas desenhando, mas viu os cálculos.

'Claro, é o ultimo dia de aula do semestre!', lembrou-se particularmente ao sorrir.

Queria poder dizer "olá" para o amigo, mas as conversas entre ambos não eram permitidas dentro da sala de aula em defesa da Paz Escolar.

— Aqui está seu boletim, Duck - disse Cristine, a professora de todas as matérias da sexta série no fim da aula, olhando com desprezo para suas notas boas. Ela não compreendia como ele arrecadava aqueles acertos com frequentes faltas.

Quando Duck a olhou alegremente, ela hesitou e continuou a entregar as notas dos outros alunos. Cristine era bem magrinha,

alta, Duck pensava que os longos cabelos ensebados dela poderiam pesar alguns quilos, pois ela andava de um jeito peculiar: sempre torta para um lado, ou para o outro.

Estava no fim do segundo semestre e, pelos cálculos de Duck, seus resultados eram além dos positivos. Duck oferecia um sorriso a todos os colegas, não se importava que os demais o recusassem facilmente.

— Você conseguiu, hein?! Parabéns, seu *CDF*! — Enzo disse, aparecendo de súbito e arrastando sua mochila.

Era o último dia de aula para Duck, mas Enzo ficara para recuperação em algumas matérias, e ainda aquele dia faria uma nova avaliação. Despediu-se do colega desejando-lhe boa sorte, e dando-lhe um puxão de orelha.

— Vai ter revanche — retrucou Enzo, impossibilitado de aplacar a distância entre ambos agora.

O garoto caminhava sozinho de volta a sua casa o mais devagar que podia. Os ruídos dos insetos o distraíam quando ouviu algo que por um instante o fez parar. Ele estava sendo seguido. Descartou a hipótese de ser só Enzo, ouvia os passos rápidos de três pessoas aos cochichos se aproximando. Quando se virou para ver quem o estava acompanhando, desviou rápido de duas pedras, mas uma terceira o acertou bem no meio do peito. Caiu estatelado no chão, sentindo a dor dando as boas-vindas e a lama lhe esfriando as costas.

Três botas visivelmente enlameadas corriam rumo à escola, com risadas soltas. Duck não identificou os agressores.

Levantou-se da lama, tocou seu queixo dolorido e verificou sua mão, mas caiu novamente no chão. Aquele era seu sangue. Por mais que tapasse com a mão seu ferimento, o sangue rubro derramava. Estava ferido, tateou o canto da boca e podia sentir uma cratera miúda irregular. Nunca, em nenhuma brincadeira ou acidente se feriu a ponto de sangrar, ou talvez só nunca tenha percebido. Era até mesmo um ferimento minúsculo, e ele tinha suas dúvidas se era isso o que realmente o deixara esgotado.

Tornou a levantar-se, cambaleante, pegou sua mochila e foi na direção de casa. Sua dor de cabeça voltara.

Duck voltou para sua casa, se livrou de toda a sujeira do corpo no único banheiro que ficava no piso inferior, encarou-se no espelho e viu seu cabelo todo esmaltado em lama. Duck passou a mão no canto de sua boca, onde antes levava um machucado na queda. Estava azul-roxo, um hematoma. Ele pensou em contar alguma história para quando Enzo, o irmão e o pai o vissem, caso notassem alguma mudança em seu estado.

*

Compreendi que algumas crianças também podem ser traiçoeiras.

5.A Breve Despedida

Quando subiu as escadas, Duck viu a porta do quarto de Alef aberta. O irmão estava arrumando algumas coisas em uma mochila de viagem.

— Você vai embora? — Duck mal tinha perguntado e ele já tinha fechado a porta na sua cara. Ele tornou a bater nela, persistente.

— Sai daqui! — rugiu o irmão.

— Eu estava pensando em ir embora também — disse Duck, ocioso.

— Não faça uma besteira dessas, você não tem pra onde ir — só então Alef encrespou-se com alguma coisa no rosto de Duck, mas resolveu ignorar.

Havia algo de estranho em tudo aquilo, Duck sentia.

— Então isso é sério? — indagou de novo. — Para a outra chácara? — referiu-se à de seus avós.

— Para bem longe, agora sai — e ouviu-se o barulho de trancar da porta.

Alef saiu da casa quando Duck estava tomando um novo banho, tentando tirar de si toda aquela sujeira, todos os pensamentos, até mesmo a dor de cabeça. Só os últimos dois itens não se extinguiram.

Depois que se vestiu por fim, o menino notou alguém longínquo caminhando sobre a tarde, nas areias a beira da praia, com uma mochila nas costas.

Parece um besouro, pensou. Correu para ver o irmão indo embora, sem nenhuma despedida. *Ele não podia estar falando sério em ir embora de vez, podia?*

E quantas vezes Duck já não ouviu o irmão dizer aquilo? “Vou embora dessa casa, para bem longe desse cara.” Ele se referia ao pai deles, Roger. Mas nunca com seu pai tão longe ele disse... Qual seria o problema dessa vez? Ele estaria sendo ameaçado pelas

gangues da cidade? Duck sabia que o irmão era um encrenqueiro, mas não tão covarde assim.

— E quem vai cuidar de mim? — perguntou o garoto após acompanhá-lo numa corrida.

— Nosso pai chega amanhãcedinho. Apenas irei dormir na casa de um amigo, seu *manézão* — deu-lhe um peteleco na nuca.

Duck sabia encontrar uma mentira no irmão. Não precisava saber o rumo de seus pensamentos para isso.

— Tem algo sujo no canto da sua boca —emitiu um sorriso tristonho. —Vê se te cuida — e foram as últimas palavras dele para Duck naquele dia.

*

Mesmo sem ter total certeza do futuro daquele jovem de quinze anos, eu enxergava seus caminhos atuais, sem precisar perder a pista de Duck. Ele não iria para tão longe.

6. Pensamentos Ramificados

'Como a noite chegou tão rápido?', perguntava-se o garoto paralisado na praia. O vento negava-se a lhe machucar, por mais agravante que estivesse. As estrelas estavam cuidadosas para não se esnobarem tanto. Ele estava no mar, as pernas somente. Sentado no velho píer.

A casa estava com as luzes apagadas e tudo estava escuro ao redor. Ele tinha mesmo presenciado uma despedida com seu irmão? Alef o tinha deixado sozinho ou ainda voltaria? Duck sabia se virar muito bem sem ele, mas parecia haver algum tipo de proteção quando o irmão estava por perto. Parecia haver uma responsabilidade pouco deixada pelos pais, e a falta disso o manteve amedrontado, como se estivesse sozinho no mundo inteiro.

Perambulou pela praia em busca do irmão, no escuro, mas quando o vento noturno e marítimo lhe deu arrepios exagerados, ele logo voltou para casa, que agora estava com as luzes acesas à distância. Amedrontou-se de início, rodeou a área e entrou pela cozinha, a porta estava destrancada. As janelas continuavam fechadas. A tevê estava ligada e uma nuca projetava-se do sofá a sua frente. Quando Duck aproximou-se mais, seu coração lampejando, a cabeça se virou e ele quase deu um salto triplo para trás, se isso for possível dentro do pequeno cômodo.

— Onde você estava? Achei que estava se escondendo de mim.

A voz era de Enzo. Seus nervos se acalmaram e depois voltaram a mexer com seu temperamento.

— Droga! Assustou-me! — admitiu.

Enzo riu, ele gostava de assustar Duck, mas nunca conseguira tal artimanha sem o menor esforço.

— Seu irmão passou por minha casa e pediu a minha mãe que me deixasse dormir aqui. Ele nem falou comigo diretamente, mas eu sempre gosto daqui, então eu o teria agradecido se ele não

estivesse tão apressado. Pra onde ele foi? — Enzo despejou as palavras bem depressa, um olho no amigo, o outro na tevê.

— Não sei — respondeu. Sentou-se na parte do sofá onde se descansa o braço e dali assistiu tevê com seu amigo.

Duck logo sentiu uma sensação esquisita no ar, ou talvez fosse apenas seu estômago lhe informando da fome novamente. Sua cabeça não ia muito bem também.

— Acho que quero ir embora também — admitiu para o amigo. Duck adorava a vida naquela casa, mesmo com irmão que o chateava. Ele apenas se sentia péssimo pela falta de carinho do pai, pelo humor dele negativo, pela falta de atenção.

— E onde você pensa em morar? Lá em casa você pode ir, mas tenho que falar com minha mãe, que falará com seu pai, e aposto que ele não irá aceitar a ideia.

— Obrigado. Mas quero ir para onde meus avós moram. Lá também é uma chácara, sabe? Quase um extenso sítio. Eles precisam de ajuda para cuidar das coisas devido a idade avançada. Eles sempre gostaram de mim, e sempre gostei de visita-los, das conversas, do jeito que me tratavam. Não devemos estar perto de quem nos gosta?

— Você está certo. Mas vamos resolver sua vida mais tarde, quando ele chegar. Você vai falar com ele, certo?

— Pensei em fugir, como Alef.

— Faça as coisas do jeito certo. Se não funcionar... Tentamos outra coisa — ele piscou. — Mas, quanto ao agora, o que faremos para nos divertir? — Enzo quis saber. — Tem algum filme? Será que no quarto de Alef, quem sabe se olharmos melhor dessa vez podemos achar mais coisas. Ele nem mora mais aqui mesmo...

Duck fez uma negação com o rosto.

— Não, ele pode voltar —. Cortou-o, direto da cozinha, furtando um fruto da geladeira. — Quem sabe... Desenhar? Faz tempo que não praticamos essa arte, e eu ainda gosto muito — lembrou-se dele junto ao amigo, com seus oito anos de idade a passar suas ideias para o papel, e depois colori-las.

Duck aceitou, mas não tanto satisfeito no início.

Logo o quarto e corredor já estavam abarrotados de desenhos dos mais variados. Principalmente da autoria de Enzo. Eles se divertiram com isso.

*

Percebi que no fim da infância de qualquer ser, os sonhos ainda continuam a ser gratuitos e majestosos, sem nenhuma negação para barrá-los. Livres.

7. Os Planos

— O que é isso? — perguntou Duck. Estavam caminhando pela praia, quando o sol já havia ido dormir, mas ainda roncava brilho pelo céu. Enzo tinha um papel prateado nas mãos, com algumas letras escuras lhe cobrindo.

— O cartão do campeonato de surf. Faltam duas semanas! Você sabe que agora eu posso concorrer... — Alef aquele tempo já tinha seus treze anos, alguns meses a frente do amigo.

Duck fingiu desinteresse, mas Enzo sabia que ele se importava com isso. Que gostaria de entrar no campeonato também, especificamente apenas para entrar no mar sem nenhuma restrição.

— Talvez eu vá olhar — disse o do cabelo ouriçado ao retornar a patrulhar folhas, a fim de pregá-las e conservá-las em um caderninho de amostras e anotações.

— *Talvez eu vá olhar* — Enzo imitou sua voz, com deboche. — Claro que irá! E você torcerá por mim, certo? Já esqueceu que tem prêmio até pra terceiro lugar? E em dinheiro! — ele dá um peteleco de leve no ombro do garoto. — Posso pagar viagens para lugares que nos inspirarão várias obras de arte! — os sonhos do garoto estavam todos ali, jorrando de seus olhos.

Duck rendeu-se e seguiu seu pensamento. Ficaram com essa boa expectativa pelo que restava da tarde.

Estavam no alpendre da casa quando Enzo entendeu que já deveria ir embora. Teria de estudar para suas avaliações no dia seguinte, e sua mãe o faria estudar de qualquer jeito, então não dormiria aquele dia ali.

— Quer mesmo fazer viagens para lugares inspiradores? — perguntou Duck.

Enzo confirmou. — E você?

— Eu gostaria muito também. Mas não devemos contar com um prêmio que não é ainda certo...

O nervosismo, por quase revelar que não confiava na capacidade do amigo em ganhar aquele campeonato, e a pele frágil, já lhe preenchia de suor.

Enzo não entendeu o rumo daquelas palavras e pediu que esclarecesse suas ideias.

— Eu falo de trabalho — o menino começou a explicar para ele, agora tranquilo. — Trabalho simples. Podemos fabricar coisas para vender! Pulseiras, colares... Quê você acha? Na praça do povoado têm gente que faz isso! — sorriu encorajado.

O amigo agigantou o olhar. Ele calculava os pontos positivos numa alvorçada ligeireza, e percebeu que era uma ótima visão.

— Brilhante! — aceitou Enzo muito veloz. — Depois que eu terminar com essas provas na escola, começaremos com uma banca de vendas. Combinado? Ainda seremos desenhistas bem conhecidos!

Aquela era a nova meta deles. Um belo quadro.

— Até amanhã — se despediram à distância.

— Boa sorte com a conversa — Enzo já estava fechando o portão de madeira e subindo em sua bicicleta. Duck conseguia vê-lo acenar, o vento marítimo carregou o som de sua despedida para outra direção. Deveria levar pouco menos de vinte minutos até sua casa, e ainda estava claro o suficiente.

Quando Enzo se perdeu de visão, o garoto da casa vazia encaminhou-se até a extremidade direita do quintal e estancou próximo da árvore seca que pouco sombreava o túmulo de sua mãe. Tinha evitado o lugar ultimamente. Ficou descalço e sentiu a leveza do solo infértil ao chão. Parou de nascerem plantas pela área, porém uns dois metros ao seu redor havia árvores verdes e coqueiros carregados. Apenas ali era estranho. Mas naquele dia notou algo diferente...

Duck viu uma planta bem pequena, que furou o chão, bem próximo da cruz de ferro daquele túmulo, e estendeu-se no ar. *Ela é*

uma destemida, ele pensou. Ignorou o intuito de arrancá-la e subiu na decrepita árvore, até os últimos galhos que estalavam, onde tinha ampla visão do mar.

Virá mais chuva pela noite, presumiu depois. Ficou olhando o horizonte por vários minutos até ser atingido por uma rajada de folhas secas, e as primeiras gotas de garoa. Desceu e lançou um vislumbre pelo túmulo novamente.

— Boa noite, mãe — falou ao tocar na única outra coisa viva presente além dele, a nova planta se enraizando pela cruz, como se fosse sua mão a lhe cumprimentar. O mais estranho para Duck é que começou a sentir-se recheado de coragem após o ato, e a ansiedade se elevou.

Havia um pequeno botão de rosa na ponta dela, que começou a abrir-se muito, muito lentamente, a medida que a noite caía. Duck tinha tempo e um grande interesse em ver suas pétalas. Mas o pai chegou à sua casa quando o processo estava bem no meio, e ele furtou, desajeitado, uma pétala rosada da flor para grudar em seu caderno de anotações, e então correu de volta para o lar. O cheiro da pequena planta que ficou impregnado em seus dedos era adocicado.

*

Duck finalmente achou a flor, e quase a matou.

8. A Rápida Decisão

Quando Roger chegou, cansado e com um aspecto irritado, Duck pensou se era o melhor momento para lhe fazer o pedido de mudança. Se não fosse aquele instante, pela manhã já não o encontraria, talvez nem pelos próximos dias, já que o pai não avisava quando demoraria pela casa de sua madrasta.

— Pai, eu preciso pedir uma coisa.

— O que é dessa vez?

Duck segurou o ar dos pulmões.

— Quero ir morar com meus avós – ele não esperou muito até falar ainda mais. – Quero ajudá-los, eles já não estão mais em condições de cuidar daquele lugar sozinho, dos animais e tudo. Quero ir para lá, tem minha bicicleta, posso usá-la sempre agora para chegar a escola. Ficarei bem.

O pai retornou o olhar para a tevê e murmurou algo inaudível.

— Como quiser. Já falou com eles? — perguntou-lhe, sem tanto interesse.

— Sim — mentiu Duck, esperando que os bondosos avós não tivessem se transformado em pessoas rudes com os cinco meses que não os via. Eles precisavam aceitá-lo agora, ou se decepcionaria.

— Não tenho tempo de levar nada seu, então arranje um jeito. Peça ajuda ao seu amigo, carregue tudo na corcunda, que seja — ele pôs o garfo nos lábios rodeados por barba grisalha e calou-se.

Duck esperou mais algo, e, por ver seu olhar entristecido, o homem decidiu perguntar-lhe o ultimato.

— Essa é sua decisão final?

— Sim — ele finalizou, sem querer ouvir nenhuma outra palavra.

Roger levantou-se, deixou o prato sujo de sua refeição na pia e direcionou-se ao seu quarto. Nem ao menos perguntou sobre Alef. E Duck suspeitava que se tivesse descoberto sobre o irmão, talvez

ele não o tivesse deixado sair de casa, pois não lhe restaria nenhum servente.

Duck estava bastante cansado com o dia.O acontecimento alarmante do seu irmão e o desinteresse do pai com seu pedido, o fez adormecer assim que caiu na cama.

*

Arrisquei-me a ver aquele homem amargurado enxergando tardiamente seus erros.

9. A Lista

No dia seguinte o garoto ouriço lembrou-se de ter sonhado, só esqueceu-se do enredo. Teria estado tão cansado assim?

Procurou Enzo e não o encontrou embrulhado na cama ao lado. Lembrou-se que o amigo não dormira ali. Teria de procurá-lo para que lhe ajudasse com a mudança depois.

O garoto assustou-se com o horário, mas depois lembrou que suas aulas tinham acabado e ele estava de férias. Bem aí ele se reconfortou e começou a caminhar pela praia cedinho, estendeu-se na areia e relaxou. Planejou ficar ali até Enzo voltar para lhe ajudar.

Passaram-se gaivotas e águias pelo céu sem nuvens. Passaram-se monstros voadores, rostos amigáveis amplificados de pessoas ruins e outras amigáveis enquanto relaxava e desenhava coisas na areia.

E quando veio, Enzo ajudou-o. Duck não tinha tanto o que por na mala, pois seus pertences resumiam-se em roupas velhas. Eles enfiaram tudo ali e amarraram nas duas bicicletas. Eles saíram da casa e Duck fechou a porta, jogou a chave para dentro o interior da sala e saíram. Seu pai levava consigo uma cópia dela.

Os dois pedalarão muito e erraram caminhos para chegar à outra chácara, mas, quando por fim avistaram a certa, Duck parou de pedalar e deixou que o embalo o levasse direto para seu novo lar. Os avós o receberam bem, juntamente com outra pessoa: Alef.

— Você!

— Vocês – Alef disse descontente.

— Meu Pai eterno... – alegrou-se a avó dos irmãos. — George, venha ver isso aqui!

George Johnson saiu para a varanda e abraçou os netos. Alef não parecia tão satisfeito por Duck tê-lo descoberto.

Enzo sentia-se esquecido.

— E quem é este ali? Veio morar com a gente também? — George adiantou-se. Duck presumiu que o pai já havia entrado em

contato com eles.

— É meu amigo, Enzo Novaes — Duck apresentou-o. — Ele veio me ajudar a trazer as coisas.

Enzo fez um aceno tímido. — Olá, família Johnson.

— Vocês estão com fome? — perguntou Anna Johnson.

— Eu estou com sede, apenas — disse Enzo.

— Mentira, ele está com fome e sede, disse isso a viagem toda. — Duck virou-se para um amigo avermelhado. — Enzo, eles são legais. Não são como meu pai, então relaxe.

E aquela foi uma tarde relaxante.

Aquelas férias passaram-se rápidas. Nenhum outro acontecimento inusitado ocorreu. Duck mudou-se para a chácara dos avós, e Enzo aprendeu os caminhos para aquele magnífico e florido lugar muito rapidamente por meio da bicicleta.

Havia uma nova planta harmonizando no imenso jardim da Sra. Johnson, que circundava toda a casa. Duck trouxera a flor que ficava no túmulo de sua mãe, e ela se adaptou ao novo lar. Era como sua lembrança viva dela, ali pertinho, e não tão distante na casa do pai.

*

Duck percebeu que seus avós continuavam boas pessoas. E agora seu amigo estreava na lista deles de netos coração.

10. A Primeira Viagem

Ao sair do novo quarto, que também se localizava no piso superior, com o caderninho de anotações aberto em mãos, Duck olhou pela janela, e viu uma claridade intensificada lá fora, na área do mar. Nada de azul ele conseguia enxergar, era um imenso espaço branco. Nenhuma coisa em vista além da dor que o brilho causou em seus olhos nos instantes seguintes. Aquela estranheza parecia descolorir o mundo todo. Seu corpo começou a transpirar aceleradamente.

Duck piscou os olhos, fechou as cortinas e tornou a abri-las. No instante após seu movimento, o quintal fora-lhe devolvido sem nenhum barulho, sem explicação. Ele se assustou, como todo alguém já deve ter se surpreendido pelas coisas inexplicáveis. Começou a esfregar os olhos por diversas vezes.

‘Será que ainda estou dormindo?’, pensou o menino. Pôs o caderninho no bolso, desceu as escadas, abriu a porta da cozinha e checou se o quintal poderia mudar de forma mais uma vez.

Tudo estava em seu devido canto. O portão entreaberto, os jardins floridos, os animais e as inúmeras árvores que pouco escondia a praia. O canteiro de cebolas também estava intacto. O mar encontrava-se ali perto, agitado e grandioso. O sol pedia para nascer.

Duck retornou a casa, fechou a porta e abriu a janela mais uma vez. Numa dúvida, ele tirou do bolso e reabriu o caderninho bem na página da última pétala que guardara ali, com os olhos outra vez checando o ambiente externo. E depois, pela janela da cozinha, ele viu o mundo voltar a ser feito da cor branca mais uma vez.

Duck reabriu aquela porta, deixou o caderno no chão, aberto, retirou a pétala e apontou-a como um lampião, enquanto já caminhava pela luz. Olhou para trás e sua casa não mais existia, havia se consumido pela intensa gama do branco. Ele tornou a seguir em frente, até que o chão modificou-se em líquido, bem onde

omar seria localizado. A pétala, ainda com o exuberante tom róseo e violáceo ao mesmo tempo, alongou-se por sua mão como uma seda. E aquele tecido que fora uma flor, cresceu até mumificar o garoto. Após tomar seu rosto, ele sentiu o corpo afundar-se lentamente no líquido branco, e nada mais enxergou.

*

Alguém poderia ter explicado à Duck como as viagens para outras dimensões aconteciam. Mas havia poucos guardiões desse segredo por aí.

11. Asas Barulhentas

Quando ficava inconformado com a realidade a sua volta, surgia sempre uma voz na cabeça de Duck respondendo-lhe o seguinte:

"Existem mundos onde se encaixará. Você pode procurá-los, pois existem milhões de maneiras para se chegar até eles. Mundos que estão te aguardando numa genuína paciência. Basta apenas coragem e disposição para abrir as enferrujadas portas que os aprisionam."

'Estaria eu num mundo novo agora?', perguntou-se em pensamento. Parte de si começava a aceitar o fato, já que a lua emborrachada era tão gigantesca que quase tocava o solo. Solo este que também era incomum. Pedras flutuavam sobre um mar de nuvens onde deveria haver um firme chão, e bolhas de água subiam dessa grama de algodão, elevam-se e se perdendo num céu acinzentado.

Suas costas doíam tanto que precisou se levantar, mesmo que o restante de seu corpo se sentisse forte, caloroso, intenso.

Assim que se ergueu, voltou a cair no chão pelo urro que proferiu.

Sobre as costas do garoto brotaram duas firmes asas, de plumagem castanha, brilhantes por nunca terem sido usadas. Elas estavam a debater-se contra a brisa. Ficou tocando-as por um longo tempo, impressionado, até que foi atingido por algo semelhante a uma bola de fogo, mas que, por sorte, não possuía suas propriedades.

Cambaleou e quase declinou no meio daquele abismo presente.

— Ei, você aí embaixo! — uma garota desceu voando, seus cabelos rubros e asas avermelhadas estreitaram num ritmo preciso. Ficou mais veloz à medida que veio em sua direção. Duck abaixou-se

rápido para não ser derrubado. Ela passou por ele numa velocidade incrível. Havia uma extensa e diferente espécie de rede de pesca que a garota anjo carregava nas mãos, contendo inúmeras bolhas brilhantes, como uma das que o atingiu poucos segundos atrás.

— Me ajude. Eles estão *escapando!*

'*Ela está mesmo falando comigo?*', alarmou-se. *E de que forma eu poderia ajudá-la?*

— Olá! — foi a única resposta dele. Um bombardeio de perguntas preenchia seus pensamentos, mas foi esta a saudação que se manifestou por seus lábios.

— Venha! — ela chamou-lhe outra vez. — Segure comigo — sua voz sumia à medida que precisava se afastar para voar atrás de outras bolotas.

Duck tentou reformular perguntas rápidas e sábias, era sua chance de obter respostas sobre a situação em que lhe fora jogada.

— Quem é você?

— Venha até aqui — ela pediu de novo sem lhe dar audiência, e dessa vez ele foi, mas não por vontade própria. Um dos pontos brilhosos atingiu suas costas e isso lhe lançou para frente, tanto que o fez cair sem freio direto para o abismo centrifugador.

Voe, era seu pensamento. *Voe! Voe! Voe!*

As asas de Duck chocavam-se uma na outra, amedrontadas também no embalo da queda. Estava começando a ver o grande redemoinho de entulho logo abaixo, engolindo tudo que aparecia, revirando coisas, lançando vapores e sugando como se fosse um gigante aspirador de pó.

Quando a garota voadora segurou suas mãos e lhe levou de volta até uma plataforma de material branco como gesso, estava mais pálido que sua anêmica forma. Ainda assim procurou respirar fundo e fazer-lhes perguntas rápidas, antes que essa fonte de informação voasse para longe.

— Me chamo Duck — cumprimentou-a com um aceno, a outra mão manteve-se segurando o pulmão nervoso.

— Desculpe-me, Duck, pensei que você fosse da Equipe... Ah, e pode me chamar de Alécia — a desconhecida parou naquela plataforma em levitação e tirou o fardo de suas costas, uma espécie de saco grande e de plástico, cheio daquelas bolhas de luz voadoras.

— Que equipe? — ele indagou.

— *Ora luas*, a Equipe dos Ajudantes!

— E para quê precisam de ajuda? — impressionou-se por não estar ensopado de suor.

— Não vê? Os Prismas soltos! Precisamos pegar os mais brincalhões entre eles... — ela apontou para várias direções e ele seguiu seus longos dedos indicadores, foi assimilando lentamente cada estranho ser brilhoso a se mover pelo ar.

— Prismas? — intrigou-se pelo nome. — Mas por que eles não podem ser livres? — ele estava realmente cogitando que se encontrava num típico sonho louco.

— Sim, os *Prismas*, as *Estrelas*, os *Brilhos*. Eles possuem muitos nomes — a garota de asas vermelhas estava analisando a rede, onde pescara vários dos pequeninos e libertinos astros. — *Ora luas*, porque eles podem se perder por aí. Não devemos deixar tudo fora de controle, outros *Errantes* dependem deles para se guiar até aqui, e isso é proibido.

O garoto viu que alguns dos tais Prismas se chocavam com outros e estouravam no ar, e nisso acontecia uma espécie de fusão, onde uma nova forma era liberta da leve fumaça expelida, originando um ser ainda mais brilhante e veloz. Segundos depois esta nova bolha explodia e tornava a ser duas voadoras arredondadas.

— Ah... — murmurou. O estranho é que ele sentia-se assombrosamente maravilhado com tudo que via. Sua corcunda era nada mais, nada menos, que asas! Silenciadas este tempo todo. E suas glândulas sudoríparas funcionaram regularmente no ambiente, somando para que a sensação de conforto lhe completasse.

— O que está fazendo aqui parado, tão distante do palácio?
— a garota Alécia perguntou ao dar uma espécie de nó em sua rede de pescar estrelas.

— Espera, que palácio? — fitou o horizonte em busca de alguma construção, mas as poucas formas visíveis eram de pilares em ruínas.

— O Reino Sagrado das Lubbus, *ora luas*. Claro que não tem mais flores Lubbus alguma por lá depois da Última Guerra, mas o palácio ainda existe mesmo assim, e aqueles bichinhos eram peçonhentos, eles comeram tudo, e não sobrou nada, eu vi, sim, mas ainda era uma criança e isso era coisa de ajudante, e eu teria de fugir, mas não consegui, então tudo, sabe, tudo desmoronou e eu senti um leve sono e fechei os olhos, depois... — sua voz foi sumindo no final da primeira frase, e então ela continuou a proferir mais coisas inaudíveis, para si mesma.

— Não consigo entender — interferiu ele.

— Você bateu com a cabeça? — o tom dela era preocupado.

— Não — afirmou de volta.

— Sente-se tonto? Visão embaçada? Asas lentas?

— Estou ótimo, tenho até asas agora! — tocou nas penas com apreciação.

— Mas sempre tivemos asas — ela rebateu, num tom mais sério e confuso ao mesmo tempo.

— Eu não sabia que tinha — admitiu.

— E como você voava? — ela perguntou com honesta surpresa.

— Mas nunca voei! — o papo começava a chatear Duck.

— Não?

— Não!

— Hm... Você é um *Errante*? — seu olhar ficou desconfiado. Alécia soltou sua rede já presa numa plataforma, com os Prismas tamborilando dentro dele, e voou até estar cara-a-cara com Duck.

— Um o *quê*? — ele deu um passo para trás devido à quebra de espaço e quase que caiu no abismo de novo.

— Um Errante, você ouviu. Um ser de outra dimensão que calha de aparecer por aqui algumas vezes...

— Não sei se sou um Errante! Não sei como vim parar aqui! — estava nervoso, mas o suor, que era seu mecanismo de defesa para enojar as pessoas e assim fazê-las se afastarem, não se encontrava pelo corpo agora. Por um breve momento conseguia sentir saudade da antiga anormalidade.

— Errante detectado — Alécia afirmou, sem tirar os olhos frios e laranjas dos dele.

— E ser isto é errado por aqui? — perguntou, já tendo péssimas suposições a respeito.

— Um pouco. Ainda mais se algum Ajudante da Equipe tiver um Prisma de culpa nisso...Digo...Um pouco de culpa nisso.

Alécia segurou sua rede com firmeza, já lotada das bolhas brilhantes. Duck pensou se não era algo tão pesado de se carregar, para ela, mas com o manejo que demonstrava já deveria ser bem treinada, meditou.

— Venha comigo — ela já estava saindo com uma boa guinada de velocidade. — Existe uma pessoa que você precisa ver.

— Espera! — Duck adiantou-se. — Não sei voar!

— É só bater as asas! — ela respondeu sem ao menos olhar para trás — Ordene ou peça. As asas são suas, controle-as!

E Duck tentou, com coragem e medo. Foi deixado sozinho, e sozinho ele viu-se cair para o mar de nuvens, pois suas asas falharam no primeiro salto. Só lembrou-se de acordar na praia, e o céu azul lhe parecer menos bonito.

Fiz um desejo: um dia, pequeno Duck, eu espero ensiná-lo a voar com a grande atenção que necessita.

12. Confiança

A escola era a mesma, só ainda mais longínqua, com os outros colegas inoportunos. E Enzo confiou nas palavras que Duck disse, sobre o outro mundo que descobrira. Porque amigos devem acreditar um no outro. Ele via a corcunda do outro sobre um novo aspecto agora.

Enzo e Duck não revelariam seus mistérios para mais ninguém. Num apropriado momento os dois testariam visitar a outra dimensão.

Enzo estava passando-lhe mais uma bolinha amassada de papel. Eles se comunicavam por elas quando o presente professor em particular acomodava-se na sala, pois ele possuía uma audição ampliada.

— São vocês quem precisam ser aprovados no final do ano, não eu — o professor Clinton fazia esse discurso sempre que pegava alguém aprontando. Já aconteceu isso aos dois amigos vezes o suficiente.

Abriu o bilhete, que dizia:

“Depois das vendas, o campeonato!”.

Abaixo da rude caligrafia de Enzo encontrava-se um micro desenho de um troféu com as iniciais E.N. ao meio. Enzo Novaes.

Finalmente o dia da competição de surf tinha chegado. Agora Duck já não precisava acompanhar o amigo em seus treinos de prancha, onde não poderia desfrutar de nenhuma onda, apenas observar. E seus avós tinham o mesmo aviso que o pai estabeleceu, sobre não deixá-lo entrar no mar em circunstância alguma.

Ele tem evoluído, pensou Duck sobre o amigo, mas não é o suficiente para ganhar essa.

Duck não queria acompanhar os treinos sobre uma prancha, pois suas ‘grandes costas’ — expressão gentil criada por Enzo — o desequilibravam. Era apenas sua paixão de infiltrar-se pelo misterioso mar.

Virou-se em sua direção, cinco carteiras distantes — distância essa imposta pelo próprio professor, devido a problemas passados envolvendo-os em interrupções em suas aulas. O movimento de Duck atraiu olhares indesejáveis, que ignorou. Levantou o polegar direito, confirmando para Enzo que estava tudo combinado, e retornou aos embrenhados cálculos.

Ao toque final para saírem da escola, se despediram e partiram por caminhos opostos. Logo iriam reencontrar-se para trabalharem na nova espécie de Brechó do povoado Campinas.

Duck já teve problemas ao trazer sua bicicleta para a escola, como na vez em que a encontrou com os pneus furados, de modo que deixou de trazê-la para andar a pé mesmo. Mas isso foi antes de morar tão distante. Hoje ela salvou-se de encrenqueiros.

Montou-a e se foi.

*

Ele não viu os três garotos a lhe fitarem distantes, com cochichos e risadinhas maldosas. Mas eu vi. E acompanhei-os.

13. Novas Pedras

Ainda chovia todas as noites, e o único caminho rural para casa de Duck mantinha-se cheio de poças de lama e folhas úmidas escorregadias. A maior parte das ruas possuía essa rústica forma.

As árvores altas e as nuvens espessas escureciam o trajeto do garoto. Os pássaros produziam um canto triste. Pensou que o frio os desanimava. Talvez não fosse o frio.

Estava a pensar que deveria ter trago algo para presentear Enzo no final daquela tarde, onde provavelmente ele se encontraria triste por não conseguir chegar nem ao menos no quarto lugar no campeonato de surf – a única posição que levava um prêmio de consolação. Ele sabia que seu amigo surfava bem, mas também entendia que tipo de pessoas teria de enfrentar. Duck procurava ao máximo ser realista com essas coisas. Todavia não achou nada de interessante que poderia agradar-lhe.

Após o rápido almoço e de se despedir dos avós, partiu para o trabalho com as vendas, levando consigo a bicicleta e sua mochila. Dentro da mochila encontrava-se todo o dinheiro que arrecadaram até o dito dia. Os dois já tinham decidido tirar a quantia de dentro da velha lata de ferro que enterraram na floresta, para dar a Elisa Novaes, mãe de Duck, que depositaria em sua conta no banco. Assim o dinheiro permaneceria mais seguro, sem risco de decomposição ou algo do tipo.

Pedalava tranquilo quando seus pensamentos foram interrompidos pelo barulho abrupto da folhagem. Ergueu automaticamente o olhar para a copa das árvores e nada encontrou. Notou ao relógio de pulso que possuía minutos de sobra, e manteve seu ritmo ao fazer o retorno. Deixou a bicicleta deitada ao chão e adentrou na mata fechada. Vasculhou com cautela, mas nada encontrou e logo voltou ao caminho, junto da bicicleta.

Sua curiosidade o dizia que era um mico-leão-dourado pulando pelas árvores. Havia boatos sobre o animal rondando as florestas naquela época. Ele poderia fazer um desenho dele, caso visse algum. E não viu.

Após montar na bicicleta outra vez e os pés engatarem a velocidade de antes, olhou sua bermuda e viu manchas de seiva grudada com cascalho no tecido. *Não deve sair facilmente na lavagem, pensou, minha avó vai reclamar muito por isso.*

— Pense rápido! — gritou uma voz atrás. Duck virou-se brevemente para ver quem era. A pedra estalou diretamente em seu rosto. Desequilibrou-o no segundo em que as outras pedras, as que erraram o alvo, sumiram ribombando pela floresta. Ele voou para frente, a mochila sumiu de seus ombros e a bicicleta ficou para trás.

Tinha algo de confortável no solo que recebeu seu corpo tão bem — a lama. A testa doía tanto que com esforço conseguiu abrir os olhos.

— Olha só o, *porquinho-Johnson!* — zombou uma voz pouco conhecida. Sua visão estava retornando bem lenta, com uma mão foi massageando a sobrancelha direita, onde a pedra o atingiu.

Notou que eram três. Percebeu também que eles eram de sua escola pelo uniforme que vestiam, mas de nenhuma aula que frequentava. Pareciam ser bem mais velhos que ele. Duck suspeitava que já tivesse visto-os juntos no recreio, alguma vez.

Em sua mente havia a antiga cena do grupo que o apedrejou, e não lhe restava tanta dúvida de que fosse aquele.

— Vão embora! — rosnou. Riram de seu estado e da maneira que a voz frangalhada dele soou.

— O filhote de cruz-credo sabe falar, galera! — disse o mais baixo e rechonchudo, o que usava uma boina verde-xadrez.

Eles riram em conjunto mais uma vez, rodeando o pequeno Johnson.

— Vamos ver o que mais ele faz — o mais falador avançou e pressionou a bota suja sobre o uniforme de Duck, bem em seu

peito, fazendo-o ter dificuldade em respirar.

"Não os deixe vencer sem lutar", era a voz de Enzo retumbando em seus pensamentos. E ele agiu rápido.

Duck segurou a perna do garoto que o agredia e a puxou-a, desequilibrando-o tanto que o fez cair ao seu lado. Foi um erro. Isso ativou a raiva dos comparsas, e a do líder caído, que se levantou rapidamente. Ele podia ver em frações de segundos as ações que aconteceriam: os pontapés, socos e tapas sobre si.

Mas então aconteceu alguma coisa que captou a atenção de todos, foi um grande atrevimento em interferir nas batalhas de um jovem, junto à coragem de um coração cheio de sentimentos.

Da floresta surgiu uma nova saraivada de pedras, para todas as direções. Duck mantinha-se onde estava, pois era a melhor posição para não ser atingido. Ouviu os seus três agressores enquanto fugiam numa corrida desenfreada. Levaram diversos tombos e, pelos gritos e gemidos, foram apedrejados diversas vezes. Ele estava quase rindo quando duas pedras também lhe acertam.

Atingido no braço direito, Duck sentiu a dor da perfuração e o sangue fluindo de modo lento.

Espetou também sua mão esquerda ao tentar afastar-se aquilo que, descobriu, não era exatamente uma pedra e sim alguma espécie de espinho pesado e afiado. Assemelhava-se a um ouriço.

Deve haver árvores que produzem esse tipo de espinho, já encontrei algo semelhante, refletiu.

Quando notou que já se passara tempo suficiente desde que os arremessos cessaram, levantou-se com toda a força que restava e checou o local com cuidado, receoso de que a chuva de espinhos recomeçasse. Buscou o responsável pelo ataque que lhe salvou de vários hematomas, mas não havia, porém, ninguém em vista depois de um tempo procurando.

Duck começou a sentir aquele medo que se tem do desconhecido.

Não foi o vento ricocheteando as árvores, pensou, foi alguém da outra dimensão...

Lembrou-se da mochila e ficou eriçado de medo. Ela não estava em lugar algum.

O ferimento em seu braço pulsou, mas continuou a checar ao chão os sinais de sua recente queda. Reconstituiu a cena e imaginou onde a mochila poderia ter caído, mas precisou tão logo admitir a grande verdade: foi roubado.

*

Dessa vez consegui salvá-lo, mas recusei os créditos, pois Duck saiu com ferimentos e eu também. Apenas os meus não eram externos.

14.0 Flagrante

Totalmente frustrado e derrotado, Duck olhou suas roupas e viu que agora seria preciso de muito sabão para arrancar toda a sujeira que se encontrava em si. Com certeza levaria uma bronca dos avós. E de Enzo, pelo dinheiro perdido. Mas dessa vez ele não teve culpa...

Descartou os planos do dia e retornou para casa. Não queria que Enzo o visse, nem parecer fraco, por mais aniquilado que estivesse. Seus avós não o deixariam sair para lugar algum, nem mesmo ao campeonato, se soubessem o que lhe acontecera.

Duck rebatia-se com o pensamento conflitante de que ele mesmo não iria querer sair para lugar nenhum a partir daquele dia.

Parou e respirou longamente. Pensou de novo sobre o assunto e cegou a melhor conclusão: voltaria para casa naquele instante.

Levantou a bicicleta e começou a pedalar numa velocidade baixa. Seu corpo todo estava suando excessivamente, mas não devido ao exercício. A raiva também ativava as glândulas sudoríparas de Duck, e ele já sentia extrema saudade daquela outra dimensão, de onde não poderia sair.

Direcionou-se ao mar ao invés do portão da casa e lavou-se o máximo que conseguiu. O sal da água queimou o ferimento, mas tapou o fluxo de sangue e o limpou. O menino esfregou toda a lama com esponjas selvagens — ainda bem que existiam muitas plantas daquelas pela região.

Ao retornar, com roupas pegajosas, mas com uma aparência mais respeitosa que antes, pensou em entrar pelos fundos da chácara.

Estava com a mão na maçaneta da porta-dupla que dá acesso à cozinha, a orelha pressionada na madeira. Descartou a ideia de entrar ao ouvir o tilintar de talheres. O alguém que estava no

cômodo saberia de imediato que entrou no mar, o que o deixaria de castigo. Veria também que estava ferido, o que iria acarretar o seguinte: precisaria dar uma longa e verdadeira explicação, com ricos detalhes.

Duck deu a volta pela casa com cuidado. Animais dos currais, vacas, porcos e ovelhas estavam inspecionando aquela sua forma furtiva de andar. Questionou o plano de escalar até seu quarto. Mediu visualmente a altura do andar de cima. Julgou a porcentagem de chances de acertos e erros, mas os números se dispersaram facilmente. Era alto o bastante para ser perigoso, mas não uma tentativa impossível.

Pensou satisfeito, *Plano aceito com sucesso.*

Invadiu o pequeno jardim que cercava a casa. A janela baixa do quarto de Anna, sua avó, estava aberta só pela metade. A porta de seu quarto também, lhe dando uma pequena visão da sala de estar. Conseguiu ver seu grande tufo branco de cabelo sustentado por uma frágil presilha amarela.

Ana Johnson mantinha relaxada ao sofá, assistindo tevê em um alto volume. Outro zumbido — provavelmente do rádio de seu avô — vinha da cozinha, juntamente com aquele tilintar. O Sr. George Johnson estava comendo algo, desconfiou. Subiu por aquela janela mesmo, apreciando o ótimo momento em que chegou.

Seus braços tremeram ao suportar o próprio peso somado ao cansaço e as novas dores pelo corpo. Poucos metros acima se encontrava sua janela.

Avançou vagaroso.

Só mais um pouco, calculava, tão perto agora...

Firmou as mãos e os pés no gradeado que servia para as plantas trepadeiras. Hera, unha-de-gato e jasmim-estrela ramificavam-se pelas paredes da casa como um belo manto.

Continuou escalando.

Já se via com as duas mãos salvas. Ficou agarrado no peitoril da janela de seu quarto e os pés apoiados na grade de ferro,

quando outra vez se envolveu com a esquisita sensação de se estar sendo observado. Permitiu-se por um segundo olhar para os lados, nos topos das árvores, mas nada viu.

— Duck? — Alef apareceu da janela de seu quarto. — Vou contar pra eles.

De repente a janela e paredes foram afastando-se de seu toque.

Estou apenas ciente do céu cinzento e das poucas flores ao chão que abraçam meu dormente corpo. Ele remexeu os pés e aos poucos os sentidos foram voltando. Alef já estava ali, vendo-o esparramado no jardim. Duck sentou-se.

— O que... Que mesmo aconteceu com você? — Alef atropelou-se em perguntas que não conseguiu dizer de uma vez. Ele via muita coisa errada no irmão. A advertência sobre o mar pairando sobre suas roupas molhadas, a escalada pela janela, os ferimentos...

Duck estava irritado, com o susto, a queda e com a descoberta pelo irmão. E, quando ia resolver falar-lhe coisas feias, fitou uma flor em botão entreaberto ao seu lado, intacta. Era a mesma que ele trouxera do túmulo da mãe.

— Ouviu o que eu disse? Responda-me, surdo! — Alef não partilhava do rumo que os pensamentos de seu irmão alçavam voo.

Duck tirou com cuidado uma nova pétala daquela flor doce e triste ao sol. Alef tapeou sua mão, mas ele não a deixou cair. Levantou-se e, desprendendo-se do recente aperto no braço do irmão, correu para o mar. Se tudo funcionasse como suspeitava, tão logo não precisaria ouvir mais ninguém por um tempo. Mas o irmão corria atrás de si, e ele era veloz.

Quando Duck chegou ao mar, Alef deu-lhe um puxão pelo braço. Ele iria berrar muitas frases, mas o que viu o deixou sem fala. A pétala na mão do irmão começou a se remodelar. A pequena faixa de água marítima a sua volta girava como se estivessem no centro de um minúsculo redemoinho. Ele tentou desgrudar-se de Duck, mas já era tarde.

A pétala virou raízes firmes e amarrou aos dois irmãos, pouco antes de o mar os engolir.

*

Havia um erro naquela viagem de dois corpos. Um pertencia à outra dimensão. O outro era um Errante.

15. Os Telepatas

Depois de serem sugados em espiral para o fundo do oceano, Duck e Alef sentiram a inversão dos sentidos, estavam afundando enquanto a luz vermelha ofuscante os cobria, e depois estavam submergindo de cabeça para baixo em outra superfície.

— Não me solte! — pediu Alef, mas por mais que o irmão lhe segurasse as mãos, elas se afastavam. O corpo de Alef estava sendo puxado para outra direção, até que sumiu de vista.

Duck agora se via no lugar ao qual sempre lhe chamou nos murmúrios da noite, pela brisa do oceano. A outra dimensão encahada naquele planeta. Águas que antes era frias e salgadas, estavam a pulular ao redor do menino. Com a mesma força que fora sugado para o fundo do mar, foi despejado em outra região. O garoto ainda sentia os pequenos choques da travessia e se interrogava onde estaria Enzo, e se teria suportado aquela dor.

Duck abriu os olhos e os fechou muito rápido. Parecia um quadro muito bonito para se suportar ficar olhando à toa, aquele ambiente. O lugar em que estava era macio e havia um cheiro de bombom de maçã-verde pelo ar.

Pensava: *'Que lugar é este? Agora de fato estou morto? E por que sento o cheiro do bombom predileto de Enzo?'*

Duck tornou a abrir os olhos e viu outra cor posicionada no lugar que deveria estar o céu. Dessa vez ele demorou a fechá-los. Era um céu que mudava de cor a todo instante. Cores que ele nunca sonhara ver, ou ouviu dizer. Na verdade ele nunca sonhava acordado, mas será que agora era um sonho tão realista? Piscou mais de uma vez e bem rápido. Ele não queria perder o movimento dos seres luminosos que voavam a todo vapor, para todos os lados, pois se lembrou da garota anjo Alécia.

Duck lembrou-se de Alef e tateou o chão de massa cinza, sempre olhando para os seres que iam e viam como vaga-lumes luminosos, uns pequenos e outros maiores, todos eles mudando de

cor, assim como o céu. Tateou mais as mãos pelo solo e tocou num braço muito gélido atrás de si. Ele se levantou de sobressalto. Um corpo estava estirado ali, ainda respirando.

— Deixe-me. Ainda não posso ajudar... Por *duas nuvens* vou descansar — falou o ser, que, Duck notou, estava deitado por cima de imensas asas verdes e curtos cabelos em caracóis. A pele dele era bege, e até refletia a luz do ambiente quando se movia, como um plástico colado a vidro estilhaçado.

— Como você se chama? — Duck quis saber.

— Hm... — murmurou a criatura. — Sou o Alttor.

Enquanto suas costas doíam bem no local do grande caroço de nascença, Duck observava aquela atmosfera nova e cheia de fumaça, sem muito do que se ver além das bolotas que furavam as nuvens e sumiam pelo mesmo local, sendo perseguidas por outras, ou apenas se aventurando.

— Porque você usa isso, garoto sem nome? — retornou a falar o anjo, sentando-se e dando vista para outro corpo ao seu lado.

— Isso o quê, anjo esquisito? — ele perguntou. Ficou atento ao rosto dele e com um encanto surreal. Era como o sonho mais lindo que já tivera, e era mesmo real.

— Essa coisa aí te prendendo — o olhar recaiu sobre o tecido do garoto. Eu sou um Lubbulus, você também. Quem foi o prisma que andou te contando histórias de anjos, menino de asas silenciosas?

Duck retirou sua camisa azul desgastada e despreendeu suas asas. Pelo lugar tão lindo ao qual agora fora deixado, ele quase se esqueceu delas.

— Sou o Duck — ele falou para o outro.

Tudo estava tranquilo, até perceberem Alef estirado no chão. Este sem asas, sem olhos abertos, sem batimentos e pálido. As nuvens cobriam e descobriam os locais, por isso não o viram logo.

Duck deixou sair um urro de terror. Alef não poderia estar morto, não conseguiria aceitar essa condição, por mais irritante que fosse com ele, ali era seu irmão.

“Esperávamos por você.” Disse uma voz suave e sinistra do seu lado, fazendo-o estremecer. E o anjo Alttor rebateu suas asas para bem distante, como se estivesse com medo.

Duck se virou — ainda sem soltar e apertar a mão fria de Alef — e viu algo que o deixou de cabelo em pé, literalmente, e não por medo, por curiosidade. Sentia como se cada minúsculo fio de seu cabelo ouriçado estivesse se conectando com aquele ser, deixando seus pensamentos libertos. E a voz que ouviu, não saiu da boca de ninguém, mas apareceu lá, em seus pensamentos, suave.

Um ser mais ou menos de um dois metros e meio estava observando-o, sem traço algum de sentimento no rosto branco-translúcido. A criatura humanoide não tinha boca, nem nariz, pescoço, olho, muito menos braços e asas. Tinha pernas como um bastão grosso, o corpo todo estava despido como um tronco e não havia nada a se mostrar além de uma pele de borracha. Duck se assustou só depois de notar com eficiência cada mínimo detalhe.

“Não tenha medo, esqueça esse sentimento.” Respondeu a voz em sua mente, que aos poucos aparentava uma acolhedora mansidão.

O ser aproximou-se com passos leves, ou talvez estivesse levitando. O cabelo bem acima era enorme e cheio de pontas esvoaçantes numa gravidade zero.

“Eu posso trazer esse Errante de volta a vida, mas não há muito tempo.” Disse a voz em sua cabeça, e imagens de Alef apareciam para confirmar de quem se tratava.

Duck confirmou que queria aquele desejo em meio a pensamentos desordenados.

“Sim, eu preciso dele, por favor? Salve-o, urgente, por favor, por favor...”. Duck tinha súplicas demais naquele instante para uma só boca soltá-las.

“Esqueça a pressa e o medo.” A voz macia o fez ouvir.

E nesse mesmo instante se aproximaram outras criaturas dali, mas essas tinham boca e tudo o mais. Trajavam vestes que se assemelhavam a lã e que pareciam bem confortáveis só de se ver. Eles eram bem parecidos uns com os outros. O cabelo de um era maior do que dos outros e também estava todo levitado. Os olhos da

maioria eram banhados num verde que cintilava de longe. Eles tinham asas. Duck os teria chamado de anjos, mas lembrou-se da diferente palavra que Alttor usara, o ser que ele viu primeiro naquela segunda viagem, o Lubbulus.

As bolinhas de cores mutáveis giravam voando para todos os lados e por vezes se batiam uma na outra. Pareciam enxergar tudo e todos, e estavam sempre apressadas, ou talvez felizes.

Algumas das criaturas que se assemelhavam aos humanos fisicamente e agora muito mais a Duck, em cores e asas, se aproximaram do corpo falecido de Alef e o jogaram no oceano de nuvens abaixo.

— Não! — o menino gritou ao ver a cena. O atiramento do irmão inerte rumo à centrifugação daquele lixo de matérias arruinadas logo abaixo.

— Ei, ele não está morto não —. Alécia tentou acalmar o menino ao chegar voando, com um glóbulo voador ao seu lado.

—O oriente também, Ajudante — comandou a criatura de pelo branco e cabelo cinzento cumprido. — Apresente-o para Flora.

— Eu irei, irei sim, vamos menino, vamos que têm umas coisinhas que você precisa entender. Vamos lá. Agora.

Alécia segurou Duck pelas mãos e o puxou. As asas dele ainda não haviam pegado o ritmo do voo, mas Duck continuava a treinar em silêncio, sem soltar da mão da garota voadora.

Talvez, sabendo voar, eu me torne um membro daqui, pensou Duck. E a advertência sobre o irmão junto da desconhecida Flora a quem estava sendo levado, o deixou aflito e desanimado.

*

Estava com ânsia e aflição também, esperando que Duck reagisse bem ao que Flora o mostraria.

16. Flora

Duck estava receoso enquanto voava. Perguntava-se para onde aqueles seres haviam levado o corpo do irmão, e quase surgia uma simples dúvida em sua mente, que eram apagadas com lembranças alheias atualizadas de uma voz sinistra.

“Assim como você chama os humanos, de humanos, chame os daqui de Lubbulus” dizia a voz na mente de Duck, e lhe mostrou mais imagens dos seres gentis que por ali habitavam.

— Você está ouvindo? — perguntou-lhe Alécia. — Flora já pode se comunicar com você.

— Não gosto dessas vozes em minha cabeça. Deixa-me nervoso — ele admitiu, sem saber que Flora poderia ouvi-lo.

“Quem é você? Cadê o Alef? Ele viverá? Como fazem isso de reviver alguém? Onde estou? Você é uma deusa?...” E para qualquer dúvida de Duck, ele via relâmpagos com cenas de guerras e paz daqueles seres, e a sempre voz, que, às vezes, se tornava suave do modo de um sono entorpecente.

Respirou pausadamente e depois se concentrou nelas, suas suaves asas. Alisou a plumagem com a ponta dos dedos, enquanto tentava pressionar em mente um movimento que nunca esteve presente. A membrana estremeceu e ele recebeu o ato com orgulho. Adiante, elas começaram a se debater num frenesi, afastando-o para trás, enquanto as mãos de Alécia seguravam-no.

De súbito, a Ajudante o soltou. — Tente voar, é tão bom — disse ela.

Duck aterrissou sem jeito numa pilastra flutuante, segurou-se ali ao ver que esta se estilhaçava com uma simples pressão. Relaxou por poucos instantes até retomar o treino de voo do qual não possuía experiência.

— Pense no ar, sintá-o pelas asas, bata suas asas no ar e domine-o, só assim você levitará — ela tentou lhe instruir, mas sem sucesso.

Pensou ele, *vamos lá, Duck Johnson, você consegue isso, é simples. É como aprender a andar de bicicleta, a diferença é que as rodas aqui são as suas asas!*

Incentivou-se, mas não conseguia. Seu corpo lhe parecia muito pesado. Ele teve um rápido sucesso com uma rajada de vento, subiu, subiu e agarrou-se numa rocha que levitava pela região.

As sombras das asas enormes e verdes o assustaram. Outra habitante do lugar, com autoridade emanando de sua plumagem, chegou. Esta era Flora, vindo ao seu encontro.

— Então não se tratava de um Errante — sua voz continha um argenteo, não alucinada como a da garota ruiva que pescava estrelas. Duck percebeu que elastinham o mesmo tom de cabelo também, Flora e Alécia. *Teriam um parentesco?* — Obrigada, Ajudante, agora pode nos deixar a sós.

Alécia fez um estranho aceno para Duck. Uma de suas asas, à esquerda, levantou-se, e sua mão direita tocou na última pena desta. Ela sorriu e deu um salto triplo para trás, ali isso era possível, com asas.

"É uma convergência evolutiva", respondeu-lhe a voz de Flora pela mente outra vez, o que assustou Duck. *"Seres daqui desenvolvem características semelhantes..."*

Duck começou a fazer breves perguntas por voz, e a desconhecida o cortou com delicadeza no ato, sem mais intrometer-se em sua cabeça.

— Me chamo Flora, viajante Duck. Você quer saber por que o seu irmão não conseguiu evoluir para a nossa forma. Pois bem, isso é breve. Você só usou uma pétala e ele veio junto no portal. A quantidade para cada viagem é de uma pétala para cada pessoa. Creio que vocês só tinham uma no momento.

— Sim — respondeu ele. — Não queria que ele viesse. Queria fugir sozinho... — Duck num flash lembrou-se dos arruinados momentos antes de entrar no mar. O roubo, o susto do inoportuno irmão e as quedas com pedras, lama e flores.

Este planeta foi preenchido com muitas dimensões — enquanto ela falava, o céu de cor mutável ia lhe mostrando antigas cenas. Duck até viu Alécia e Flora nelas.— Na parte Terra se criaram os humanos, e abaixo do mar noturno encontrava-se a quase perdida Dimensão das Lubbus, que é onde nós estamos agora. — Fazia sinais com suas mãos, indicando o céu. - Na Dimensão Ar vivem os... — ela falou de várias outras dimensões e espécies, e Duck surpreendeu-se de que todos aqueles mundos poderiam se incluir dentro de um só planeta. — Veja, quando digo *quase perdida*, me refiro ao fato de estarmos nos reconstruindo aos poucos. Não sabemos como retornamos à vida, mas recentemente alguma coisa mudou. Deram-nos uma nova chance de batalhar e estamos reformando tudo por aqui. Então, não se sinta ofendido pelo modo apressado de alguns, eles estão apenas se empenhando — seu rosto mostrou um sorriso que ele não aceitou com facilidade. — Mas diga-me, de qual dimensão você veio?

— Segundo sua análise, eu sou da parte Terra.

— Por luas! Isso é tão raro...

— É? E por quê? Foi o primeiro que você citou — incitou-a, desconfiado.

— Desconheço os humanos. Soube de três missões em busca de ajuda na sua dimensão, e nenhuma delas teve um retorno agradável. Existiram mais fugas para lá. E pelo que estamos vendo aqui, um ser Lubbulus retornou ao seu ambiente natural — sorriu-lhe.

Duck ficou indeciso se instigava mais o assunto, mas Flora logo retornou ao falatório e se perdeu nas imagens do céu.

— Era noite no palácio governado por meu pai, o único castelo do Reino Sagrado das Lubbus, quando começou o ataque da praga de gafanhotos. Você deve pensar que poderíamos aniquilá-los facilmente, mas não, pois havia um fator inquietante se sobressaindo — aproximou-se um pouco mais do garoto, o que o deixou tenso.

— Lubbus é o nome da flor que garante a vida dessa dimensão. Elas vivem milhares de anos, exalando e garantindo nosso estimado oxigênio. E a destruição delas nos levava lentamente ao pior período já existente para uma raça. Estávamos morrendo, Duck, com falta de recursos naturais. Precisávamos achar um meio de nos salvar — ela agora estava fitando os ares e Duck perdeu o olhar em meio ao caos do céu.

Eu quero esse mundo, pensou ele, quero esse refúgio. Pertença a este lugar, ditaram seus pensamentos.

— Plantar uma Lubbus é algo que poucos podem ter a chance: pois a flor só gera uma semente quando já está bastante gasta. E como saber o momento em que ocorrerá? Eis que a espera e proteção da flor é a única escolha em vista. Todavia, tinha um antigo decreto alertando que se todas as Lubbus fossem destruídas, essa dimensão iria ruir, afogando-se num redemoinho de cinzas com todos seus habitantes. E foi o que aconteceu conosco após aqueles insetos se alimentarem de nossa vida. Voltamos ao pó — Flora tornou a falar, calando os pensamentos de um garoto ouriçado. — E retornamos há pouco tempo, com a suspeita de um interessante motivo.

— Qual motivo? — perguntou ele após a pausa ficar longa demais. Mas sabia a resposta antes de seus lábios alaranjados pronunciarem.

— Lubbus voltaram a existir, querido. E agora os Ajudantes possuem o dever de encontrá-las. Elas acelerariam o processo de reconstrução desse lugar. Aqui já foi um lugar lindo, você nem imagina...

— Ele pode imaginar futuramente — cortou a voz da primeira garota Lubbus que conheceu em sua inicial viagem. Ela retornou. Havia um Prisma de cor bege dando voltas em torno de Alécia e parando frequentemente em no ombro do garoto. — Ela — a Ajudante apontava para o astro brilhante — É o Prisma da mãe dele. Foi ela quem o trouxe para cá. Ela salvou-se da Última Guerra

ao levar uma semente para a dimensão dele, estava grávida de um Filho Eterno na época.

Flora trocou um sorriso com a Ajudante e ambas seguraram as mãos do ouvinte num aperto gentil, agradável.

— Vejo seus pensamentos atormentados — Duck recebeu um olhar manso. — Vejo seu irmão, e ele está bem agora, abandone essa pressão— lhes pediram.

Duck não conseguia processar as últimas conversas. Ele batia na tecla sobre sua mãe. *'O que ela teria a ver com isso, com este mundo?'*, especulava.

Segundo aqueles seres, ali estava eu, flutuando. Falavam a verdade. Eu via Duck e sentia suas confusões invisíveis.

Ele especulava ainda, *será a alma dela, então? Minha mãe pode estar viva, mesmo numa forma de pisca-pisca natalino voador?*

— Eu quero saber mais sobre isso — Duck alteou a voz.

— Você saberá o que fazer então, criança de Lubbus Pelo que vejo você possui uma guardiã até estar pronto para retornar — disse-lhe Flora docemente, e eu aproveitei para empurrá-lo da pilastra num jato de força.

— Na próxima eu te ensino a voar! — gritou alegremente Alécia enquanto o menino despencava rumo ao redemoinho de entulho. Num breve reflexo Duck percebeu-me ao seu lado, em forma de Prisma-mãe, com uma cor sintonizada no bege, a lhe acompanhar no involuntário mergulho para o desconhecido oceano de algodão. Por aquela vez suas asas abriram-se adequadamente e ele planou bem lento, sorriu, até.

*

"Quando você voltar aqui, será um Ajudante", revelei para Duck. Pois já que a primeira flornoturna desabrochou, eu podia comunicar-me com ele e sempre retornar para meu nascente lugar à noite.

17.A Verdade

Os ruídos ficaram violentos, então Duck tentou tapar seus ouvidos. Mas não havia mãos para coordenar. Os sons foram se definindo e assemelhando-se a estações de rádio paralelas, com grandes interferências, o que tornava o barulho mais enlouquecedor.

— Onde esteve com ele, Alef? — perguntou uma voz macia.

— Nós afundamentos, foi isso.

— Duck! — gritou alguém distante.

— A pele dele está se desmanchando! — era um grito agudo.

— Tire ele do mar! — um rosnado alto e atordoado alongou-se.

— Duck! — berraram todos em coro.

Acorde, surrei para ele, e só para minha voz o menino deu atenção.

Um barulho de madeira se partindo despertou Duck. Ele surpreendeu-se ao notar que estava em sua cama.

Brigou consigo, não pode ter sido tudo um sonho.

Foi real, tentei lhe acalmar, e isso o assustou. Minha forma não era visível enquanto o sol estivesse colado no céu. Mas controlei um sopro do vento, que veio da direção contrária e abriu a janela do quarto de Duck, refrescando seu suado rosto vermelho. Ele suspirou e sentiu alguém lhe cutucar.

— Você estava gritando — George Johnson disse calmamente, aproximando-se do neto.

— Oh! — a Sra. Johnson levantou-se da cadeira de palha seca, sentou-se na cama com os dois e começou a afagar o cabelo de Duck.—Como você se sente, meu branquelo? — perguntou com carinho.

— Dolorido — a voz saiu grosseira, como se ele estivesse gripado.

— Encontramos você flutuando no mar, garoto, quase ficamos loucos! — a expressão angustiada de seu avô o deixou nervoso. Eles notaram seu desconforto.

— Mas amanhã conversaremos sobre tudo melhor, agora tente descansar de novo — encerrou Ana Johnson ao apertar gentilmente a mão gélida do garoto de cabelo ouriçado.

Em silêncio, Duck ouviu o rugido de seus pensamentos. Sabia que não conseguiria descansar pelas horas que estivesse acordado. Ficou em pé e verificou os estragos que a queda no abismo da outra dimensão o causara. Não ficou satisfeito com a corcunda devolvida. Suas mãos arranharam as costas, como que para tirar dali de dentro suas asas silenciosas. Frustrado, abriu as duas outras janelas do quarto e fitou as nuvens no céu do entardecer. Lembrou-se do outro céu que havia abaixo do mar, num lugar bem profundo que só se abria com uma pétala da flor Lubbus. Ele então virou os olhos para baixo, onde a planta estava destacando-se do jardim de Anna Johnson, o botão abrindo-se à medida que o sol se despontava. Ele sorriu com isso.

Um barulho o fez virar-se.

— Obrigado — era seu irmão. — Por ter me tirado do mar.

Duck intrigou-se, mas continuou a ouvir.

— Era só isso. Não vou te abraçar ou essas coisas sentimentais. Obrigado e... E tem alguém querendo te ver.

— O que você viu mais?

— Nada... — Alef levantou o olhar. — Tinha mais coisas pra ver?

Duck negou, satisfeito.

Dessa vez seu pai entrou e o menino preferia estar dormindo. Alef sumiu de vista.

— Que bom que você está bem, Duck — começou. — Tenho que me desculpar com você.

Roger falou muito com Duck, por duas horas. Na maior parte ele apenas ouviu. Sua cabeça estava pesada e ele queria apenas dormir. Não sobrou espaço para mágoas daquele homem. Mas estas desculpas oficiais o agradaram muito.

Quando Roger terminou de falar, Duck lhe fez uma pergunta.

— O que você sabe sobre minha mãe? — isso deixou aquele homem pasmo. Seria aquela a verdade que ele precisava, para perdoá-lo para sempre.

— Nunca a conheci — respondeu. — Seus avós, eles sabem. Encontraram-no ainda pequenino junto dela, foi só o que eu soube.

— Obrigado — disse Duck, e sentiu-se melhor.

Quando Roger despediu-se, os avós tornaram a entrar naquele quarto para desejarem boa noite ao neto e trazer-lhe uma aprimorada refeição. Sobre a janela agora se via um céu negro.

— O que vocês sabem sobre minha mãe? — Duck deixou os avós contra a parede também.

O casal Johnson contou a verdade para o garoto. De como o destino lhes presenteou com mais um filho. Falaram pouco, mas Duck conseguiu extrair outras antigas memórias deles. Contaram com o máximo de detalhes possíveis sobre a tensa mulher que surgiu na chácara perante uma enfadonha tarde de outubro, carregando-o em seu colo e que, incredivelmente, morreu ali mesmo por causa de exaustão e desidratação. Foram estas duas as causas de sua morte, segundo os médicos atestaram. Ninguém soube notícias daquela mulher. Suas digitais não foram reconhecidas. Eles ensinaram Duck a chamar-lhes de avô e avó desde então.

Contaram que Roger já estava casado com sua primeira mulher e tinham Alef, mas eles receberam a notícia da nova criança bem. No dia do aparecimento de Duck com a mãe, o filho dos Johnson e sua esposa estavam no trabalho, ou teriam também visto aquela cena. E pela residência ter ficado apertada para todos, então o casal Johnson decidiu presentear o filho Roger com aquela chácara, comprando em seguida uma não tão distante dali, mas

ainda assim longe. Abandonar suas terras nascentes lhes era uma ideia pouco aceita.

— Querido, tem ainda dúvidas? Só saiba que amamos você acima de qualquer laço sanguíneo.

Duck sentia-se bem, apesar de que gostaria de ter descoberto aquelas coisas sobre sua mãe bem antes.

— Nenhuma dúvida — ele afirmou.

Anna Johnson beijou Duck no rosto em várias partes, com extremo carinho. George o afagou no ombro. E assim eles deixaram Duck descansar mais uma vez.

As estrelas estavam todas lá, o garoto observou da janela, sorrindo com seus milhões de dentes brilhantes. A área do oceano estava escura, mas conseguia ver seu limite com o céu estrelado. Ficou observando os astros e contou várias estrelas que mudaram de posição em sincronia com seus pensamentos. Com isso, seu sono o pegou e o carregou até a cama.

*

Ajudei os sonhos de Duck se elevarem para além das galáxias,
naquele breve e importante fragmento de noite.

18. O Segundo Bilhete da Garota

Duck acordou tarde no dia seguinte e chegou atrasado à escola.

A folha de papel úmida na qual escrevia as respostas da avaliação com uma caneta de tinta preta, estava quase se rasgando por onde tocava com extremo cuidado. Era o suor ensopando-a. A carteira em que sentava não foi feita para pessoas com 'grandes costas'.

Pensou ele, só mais alguns minutos. Dois minutos e termino. Um minuto e escrevo meu nome. Pronto.

Cochichos, risadas e bolinhas de papel voavam pela sala de aula e acertaram-no. Hoje boa parte da turma estava feliz devido às férias quase palpáveis.

Sem querer, o olhar do garoto caiu sobre a aluna da carteira ao lado, e ficou surpreso por ver ela, Hayley Messi, assim tão perto. Ainda mais alarmado por ela ter aparentado estar triste, e encarando-o com grandes olhos cor de esmeralda. Lentamente os finos dedos da garota se aproximaram e tocaram na carteira de Duck, deixando ali um bilhete amassado. Ela sorriu de leve, e ele teve o ímpeto de fazer o mesmo em resposta, pela beleza de seus lábios alargando-se. Mas logo ficou seriamente chateado. Ele pestanejou enquanto suas frases internas não eram ouvidas por ninguém dali. *Ela ainda irá caçoar de minhas diferenças? Mesmo estando ela na séria situação das notas no boletim?* Pegou o papel como modo de desafio e, pela primeira vez, Duck mostrou um sorriso convencido em seu rosto na direção da outra. Isso a fez afastar-se até o canto vazio da sala, com seu caderno de capa rosa escondendo-lhe do mundo. Sua frágil mão canhota segurou um lápis lilás, que se movia com rapidez. Duck sentiu-se estranho por vê-la assim, isolada, mas pensou que ela estava a colher a maldade que

plantou bem no início daquele ano escolar. De qualquer modo, Enzo o distraiu e logo se esqueceu da garota Hayley.

Enzo estava feliz, ao lado de sua adorável Géss, que me mostrava um sorriso branquelo e óculos de armação rosa, com negros cabelos sedosos a cair sobre o uniforme escolar. Essa era sua primeira novidade.

Ter uma namorada aquele tempo era raro. Géss fazia companhia a Enzo em suas lições, em passeios e andavam de bicicleta juntos. A dela era lilás e a de Enzo, branca. Namoro se resumia a isso, pensava Duck, ter um companheirismo extenso junto a sorrisos azuis.

Ambos estavam confiantes com seus desempenhos nas provas.

Duck entregou sua avaliação ao professor Clinton. Para a maior parte dos alunos ele dava uma segunda chance quando necessário, ao fazer uma análise rápida, mas nunca esperou isso. Ou talvez não achasse que o tal professor faria o mesmo por ele. De qualquer modo, Duck sentiu-se seguro. Aquele último dia de aula o deixou vivo.

**

— Vi sua prova revisada na mesa do professor Robert quando entreguei a minha — Enzo tentou capturar a atenção do amigo, e conseguiu.

Duck abriu um olho. Esperou.

— 9,0! De quem você colou? — Enzo lançou um leve soco em seu ombro, que quase lhe desequilibrou da pedra Golfinho. Pensou sombriamente.

— De você? — arriscou ao se sentar. Podia ver o amigo acreditar nisso. Depois começou um diferente falatório, corrompendo o imaculado silêncio humano da praia. Colocaram toda a atrasada conversa em dia.

Quanto ao roubo do dinheiro com as vendas, Enzo se chateou quando soube. A chateação não era com Duck. Aquilo foi seu suor

junto do amigo. Mas não havia mais jeito de resgatar a quantia e Duck nunca mais viu os agressores. Por outro lado, Enzo não se chocou tanto. Era como se escondesse algo...

— O que é isso? — indagou Duck ao sustentar o olhar na direção de Enzo. Nas mãos dele havia um pequeno envelope prateado, e o sol rebatia sobre os dois em cima da pedra.

— Cristo.

— Como disse? — suas mãos cobriam a testa, limitando a iluminação irritante.

— Primeiro lugar no campeonato de surf. Prêmio máximo em dinheiro. Viagens. Primeira parada no Rio. Cristo Redentor. Obras de arte!

— Não! — os berros de surpresa e alegria são acompanhados de pulos, e da queda que Duck teve de cima da pedra.

— Sim! — os olhos de Enzo estavam brilhando como o sol. — Você perdeu o maior show enquanto se recuperava. Sabe aquele garoto da turma sete? Então, passei dele, e saltei sobre... — e o garoto surfista lhe contou todos os detalhes de sua vitória. Ele calou as suspeitas de Duck sobre seu potencial numa prancha, que ouviu em silêncio cada digna palavra. Parabenizou o amigo quando este encerrou.

— Certo. Fabuloso... Mas não precisa usar o dinheiro com...

— Não termine essa frase — cortou Enzo. — É nosso sonho. — Ele desceu da pedra e a única resposta que Duck lançou foi um abraço. Amigos-irmãos. Sonhadores.

Num dito momento Enzodesfez o contato, retornou ao Golfinho, apontou para o amigo e disse:

— Ficaria grato se deixasse de humilhar meus gravetos com aqueles seus desenhos hiper-realistas. Porque você ainda verá meus quadros nos museus, com sua futura família, e se lembrará desse dia aqui. Aliás, essa será minha primeira obra de arte. Da qual intitularão de "A Rocha Golfinho"! — deu um novo salto ao chão, esvaziando os sonhos de seus olhos brandamente.

Duck pensou, *desenhar e ler promove coisas como criar esses loucos futuros. Ou ignorar a situação negativa, vivendo numa arte, numa história, com alguém do convívio ou imaginário. São os dois bons escapes disponíveis que usarei de agora em diante.*

O menino continuou a regar todos os dias e noites a flor Lubbus no jardim da Sra. Johnson. Ele não estava preparado para mais uma visita à outra dimensão naquele momento, mas já marcava com o amigo uma futura viagem. Ele imaginava que lhe seria uma nova espécie de escape, seu melhor refúgio. Mas isso iria além. Os seres Lubbulus rodeiam seus pensamentos por todas as noites.

Ainda inundado em devaneios naquela praia, Duck pôs as mãos no bolso e de lá retirou um bilhete amassado. Sua atual felicidade não seria destruída pelas ofensas de uma simples garota. Então, confiante, encarou as palavras engenhosas da colega de aulas, que dizia:

“Hayley possui um grandedefeito:

1. É orgulhosa.

Mas já consta uma qualidade em sua nova lista:

1. Ela quer ser amiga de Duck Johnson.”

Pego de surpresa, Duck sorriu ao terminar de ler. Repassou o bilhete para o amigo. Enzo lhe fez chacotas sobre namoradas, que ele negava rapidamente. Era amizades verdadeiras o que ele mais queria. Ainda assim fez uma promessa silenciosa:

Controlarei minha ansiedade e os escapes de agora em diante, mas não posso afirmar nada sobre meus sonhos.

*

Fim



*

Viajou na dimensão das flores noturnas? Ela ainda está se reconstruindo. Mas para acelerar esse processo seria de total ajuda se plantasse um comentário avaliativo aqui:

www.amazon.com.br/dp/B00E5SPBQQ



Mais do autor na **Amazon:**

A Canção de Outono – Fantasia.

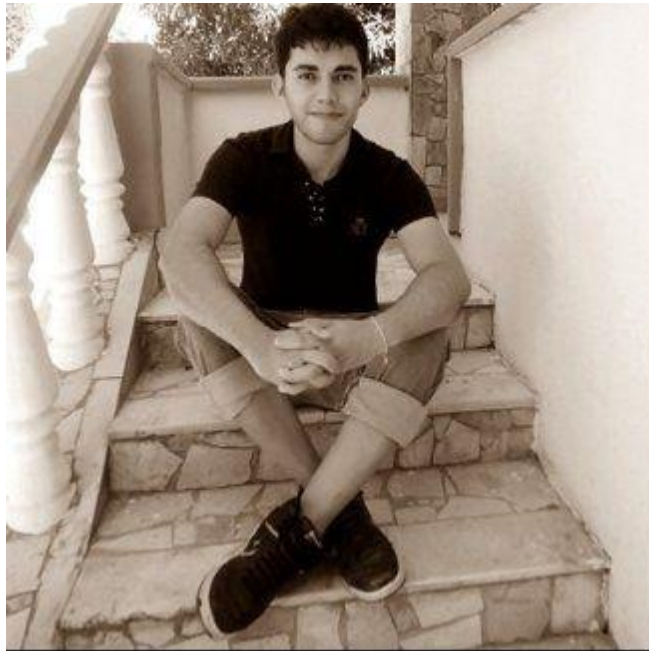
A Pequena Ajudante – Fantasia.

O Caminho do Mel - Fantasia.

Ácida – Ficção Infanto-Juvenil, Distopia.

Corrompidos – Ficção Infanto-Juvenil, Distopia.

Mensagens Arquivadas – Romance LGBT.



Ton Adalclê é o pseudônimo de Antonio Adalclê Silva dos Santos. Leitor voraz desde a infância, tive o interesse de criar meus próprios mundos a partir dos quinze anos. Nasci em Açailândia – MA, num chuvoso agosto de 1992.

Facebook: www.facebook.com/tonsonhador

Skoob: www.skoob.com.br/livro/336690-o-silencio-das-asas

Email: adalcle@outlook.com

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Fuga](#)

[1. O Bilhete Frustrante](#)

[2. A Porta Fechada](#)

[3. A Luz](#)

[4. Pedras & Feridas](#)

[5. A Breve Despedida](#)

[6. Pensamentos Ramificados](#)

[7. Os Planos](#)

[8. A Rápida Decisão](#)

[9. A Lista](#)

[10. A Primeira Viagem](#)

[11. Asas Barulhentas](#)

[12. Confiança](#)

[13. Novas Pedras](#)

[14. O Flagrante](#)

[15. Os Telepatas](#)

[16. Flora](#)

[17. A Verdade](#)

[18. O Segundo Bilhete da Garota](#)

[Mais do autor](#)